

Universidade Federal de Juiz de Fora
Faculdade de Letras
Departamento de Letras

XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS




PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
estudos literários
Faculdade de Letras - UFJF



 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LINGÜÍSTICA

CADERNO DE RESUMOS

Universidade Federal de Juiz de Fora
Faculdade de Letras
Departamento de Letras

XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS

Gregos e latinos em português
tradição, tradução e diversidade

*Comemorações do ano do centenário de Maria Helena da Rocha
Pereira*

Caderno de Resumos e Programação Geral

Organizadores
Fábio da Silva Fortes
Fernanda Santos da Silva

Juiz de Fora
Agosto de 2026



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Reitora:

Profa. Dra. Gírlene Alves da Silva

Pró-Reitoria de Extensão:

Profa. Dra. Érika Andrade e Silva

Pró-Reitoria de Graduação:

Profa. Dra. Katiuscia Cristina Vargas Antunes

Direção da Faculdade de Letras:

Profa. Dra. Nícea Helena de Almeida Nogueira

Chefe do Departamento de Letras:

Profa. Dra. Paula Roberta Gabbai Armelin

Faculdade de Letras
Licenciatura e Bacharelado em Letras: Línguas Clássicas
Universidade Federal de Juiz de Fora



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

“Se as sociedades não partilham um certo número de valores
não podem progredir no seu convívio, enfim, não é uma
sociedade”.

Maria Helena da Rocha Pereira
em entrevista à Revista *Velho Critério*,
em 5 de fevereiro de 2015.



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Comissão Organizadora (docentes):

Prof. Dr. Fábio da Silva Fortes (UFJF)

Profa. Dra. Carol Martins da Rocha (UFJF)

Profa. Dra. Charlene Martins Miotti (UFJF)

Prof. Dr. Christiano Pereira de Almeida (UFJF)

Profa. Dra. Daniela Brinati Furtado (UFJF)

Profa. Dra. Fernanda Cunha Sousa (UFJF)

Profa. Dra. Soraya Paiva Chain (UFAM)

Prof. Dr. William John Dominik (UFJF / University of Otago)

Comissão Organizadora (discentes):

Ana Beatriz Paschoal Ferreira da Silva

Ana Clara Vizeu Lopes

Antonio Janderson Moraes da Silva

Bruna Passos Cunha

Emmanuele Souza Sales de Lima

Fabrizia Nicoli Dias

Fernanda Santos da Silva

Filipe Cianconi Rodrigues

Gabriel Soares Rebello

Gabriela Toldo Cortez

Igor Fernandes Lopes

Isabella Guimarães Silva

Isadora de Souza Belli

Isadora Stigert Paschoalim

Julia Lopes Coelho

Juliana Donadio Figueiredo Conte

Laura Prates Bellozi Monteiro

Lidiane Barreto Costa Neves

Luiza Diniz Araújo

Maria Clara Ferreira de Castro Gama

Raphaella Nasser Rodrigues

Sam Macedo Paes Linhares Martins

Wallace de Oliveira de Souza



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Comissão Científica:

Prof. Dr. Alessandro Jocelito Beccari (UNESP-Assis)
Prof. Dr. Anderson Zalewski Vargas (UFRGS)
Prof. Dr. Beethoven Alvarez (UFF)
Prof. Dr. Cezar Alexandre Neri Santos (UFS)
Prof. Dr. Eduardo Gross (UFJF)
Prof. Dr. Fábio da Silva Fortes (UFJF)
Prof. Dr. Fernando Adão Sá Freitas (UFJF)
Profa. Dra. Jéssica Frutuoso Mello (UERJ)
Profa. Dra. Kátia Teonia da Costa Azevedo (UFRJ)
Profa. Dra. Laura Ribeiro da Silveira (UFES)
Profa. Dra. Leni Ribeiro Leite (University of Kentucky)
Profa. Dra. Soraya Paiva Chain (UFAM)
Prof. Dr. Weberson Fernandes Grizoste (UEA-Parintins)



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Sumário

Apresentação	9
Programação Geral	12
Programação das Comunicações de Pesquisas em Andamento de Graduação e Pós-Graduação	21
Resumos das Comunicações de Pesquisas em Andamento de Graduação e Pós-Graduação	34
Mapa de Acesso à Faculdade de Letras (FALE) e ao Instituto de Artes e Design (IAD)	122
Mapa do prédio de Letras	123



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Apresentação

Neste ano, a Faculdade de Letras completa exatamente 20 anos, desde o seu desmembramento do antigo Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) da Universidade Federal de Juiz de Fora. Se se considerar o tempo total de existência, que remonta à antiga Faculdade de Filosofia e Letras (FAFILE), completam-se 80 anos. Ao mesmo tempo em que se comemora a longevidade da Faculdade na formação científica e cultural de gerações de docentes e tradutoras e tradutores, deve-se também lhe destacar um dos pilares mais fundamentais que norteia toda instituição que tem dimensão do seu papel crítico na cultura: a importância do passado e da tradição.

É nesse sentido que o evento acadêmico mais longo desta Faculdade, a Semana de Estudos Clássicos, ocupa um espaço incontornável nessa história. Sua realização, em sua 28ª edição, é certamente um dos símbolos da Faculdade de Letras, e representa mais do que a manutenção de uma tradição pela importância beletrista ou de erudição que ela possa oferecer. A renovação do evento marca o fato de que, nesses 80 anos, os Estudos Clássicos sempre foram um traço da identidade da nossa Faculdade, nascida como Departamento de Letras Clássicas, bem como um indicador de um tempo e espaço de criticidade, de interdisciplinaridade e de diálogo entre diferentes ciências e artes, entre diferentes atores do presente e do passado.

Pela mesma razão, o tema que se propõe neste ano, *Gregos e latinos em português* – tradição, tradução e diversidade – refere-se à nossa responsabilidade de que, diante desse legado, o compreendamos como a ponte pela qual, na



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

contemporaneidade, se possam estabelecer relações pautadas pelo respeito, pela tolerância, pelo entendimento da diferença como valor. Evocamos, assim, a tradição que permanece viva e que volta a dialogar, pela lusofonia, em prol de um mundo onde a diferença não é ensejadora de agressões tácitas, verbais ou bélicas, mas de celebração e comunidade. É nesse espírito também que a Universidade Federal de Juiz de Fora se soma a dezenas de outras instituições para homenagear o legado da Professora Maria Helena da Rocha Pereira. A classicista portuguesa dispensa apresentações, bastando dizer que seu legado intelectual atravessou há muitas décadas o Atlântico e se ofereceu generosamente como condição para que o diálogo com gregos e latinos pudesse se efetivar por gerações de estudiosos e estudiosas, pesquisadores e pesquisadoras e mesmo amantes da cultura clássica. Em seu centenário, esperamos que os gregos e latinos, que, por seu intermédio, passaram também a falar português, tenham vida ainda mais longa na universidade e na sociedade brasileira.

Juiz de Fora, 09 de agosto de 2026

Prof. Fábio Fortes

Presidente da Comissão Organizadora da XXVIII
Semana de Estudos Clássicos



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Programação Geral

SEGUNDA-FEIRA, 31/08/2026

14:00 às 16:00 – **Encontro CirceA** – (Sala 2032 - LILI)

16:00 às 17:00 – **Café**

17:00 às 19:00 – **Credenciamento** – (Faculdade de Letras –
Recepção)

19:00 às 20:30 – **Conferência de Abertura:**

A(s) Odisseia(s) de Penélope na poesia portuguesa

hipercontemporânea: viagens do privado ao político – (Auditório da
FALE)

Profa. Dra. Ana Isabel Correia Martins (Universidad
Complutense de Madrid)



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

TERÇA-FEIRA, 01/09/2026

09:00 às 12:00 – Minicursos 1, 2 e 3

Minicurso 1 (sala 1030) – *Introdução à Filologia: transmissão material dos clássicos pela Idade Média, paleografia e ecdótica*

Prof. Dr. Artur Costrino (UFOP)

Minicurso 2 (sala 1031) – *Tópicos de gramática latina à luz de estudos linguísticos*

Profa. Dra. Soraya Paiva Chain (UFAM)

Minicurso 3 (sala 2032 – LILi) – *Métodos de pesquisa em Estudos Clássicos*

Prof. Dr. William John Dominik (UFJF)

14:00 às 16:00 – Comunicações de Pesquisas em Andamento de Graduação e Pós-Graduação

Sessão 1 (sala de Webconferências do PPGLinguística) – Riso, Teatro e Equidade: O Legado de Rocha Pereira e a Atuação Feminina nos Estudos Clássicos

Coordenador (a): Prof. Dr. Renan Marques Liparotti (UFU)

Sessão 2 (sala 1030) – Mitologia, Literatura Clássica e Práticas de Ensino

Coordenador (a): Profa. Ma. Barbara Delgado Azevedo
(UFJF)



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Sessão 3 (sala 2030) – Entre Deusas e Heróis: Leituras Através da Literatura Helenística e Tardia

Coordenador (a): Prof. Dr. Gustavo Henrique Montes Frade
(UFMG)

Sessão 4 (sala 2032 - LILI) – Recepção Clássica: Diálogos na Literatura e nas Artes Brasileiras

Coordenador (a): Bacharel Isaac Braga Miranda (USP)

Sessão 5 (sala 2039b) – Releituras Ovidianas e Míticas: Transidentidades, Conflitos Geológicos e a Tradição dos Asterismos

Coordenador (a): Profa. Laiene Silva de Souza (UFJF)

Sessão 6 (sala 1040) – A Sobrevivência dos Clássicos: Reescritas Antigas na Literatura e na Cultura Moderna

Coordenador (a): Prof. Dr. Beethoven Alvarez (UFF)

Sessão 7 (Sala de Defesa da Faculdade de Letras) – A comicidade em Poggio Bracciolini e Nivardus de Ghent: tradução, teoria e análise

Coordenador (a): Profa. Ma. Ana Clara Vizeu Lopes (UFJF)



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

16:00 às 17:00 – **Café**

17:00 às 19:00 – **Mesa-redonda**

Retórica, recepção e tradução – Auditório Geraldo Pereira
(Instituto de Artes e Design)

Prof. Dr. Carlos Renato Rosário de Jesus (UEA)
Prof. Dr. Rodolfo Vieira Valverde (UFJF)

19:00 às 20:30 – **Apresentação do Coro Acadêmico da UFJF**

Auditório Geraldo Pereira (Instituto de Artes e Design)



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

QUARTA-FEIRA, 02/09/2026

09:00 às 12:00 – Minicursos 1, 2 e 3

Minicurso 1 (sala 1030) – *Introdução à Filologia: transmissão material dos clássicos pela Idade Média, paleografia e ecdótica*

Prof. Dr. Artur Costrino (UFOP)

Minicurso 2 (sala 1031) – *Tópicos de gramática latina à luz de estudos linguísticos*

Profa. Dra. Soraya Paiva Chain (UFAM)

Minicurso 3 (sala 2032 – LILi) – *Métodos de pesquisa em Estudos Clássicos*

Prof. Dr. William John Dominik (UFJF)

14:00 às 16:00 – Comunicações de Pesquisas em Andamento de Graduação e Pós-Graduação

Sessão 8 (sala 1030) – Tradução e Análise Cômico-Satírica: Identidades Marginalizadas em Roma

Coordenador (a): Prof. Me. Diogo Moraes Leite
(UNICAMP).



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Sessão 9 (sala 1031) – Entre o Luto, o Desejo e a Identidade: Representações e Subjetividades na Poesia Latina

Coordenador (a): Prof. Mateus Oliveira Aredes de Paula
(UFMG)

Sessão 10 (sala 2030) – O Trágico e a Memória: Tradução, Recepção e Esquecimento

Coordenador (a): Prof. Me. João Felipe Rodrigues (UFJF)

Sessão 11 (sala 2032 - LILI) – Ontologia, Linguagem e Discurso Falso no Pensamento Grego

Coordenador (a): Prof. Me. Igor Fernandes Lopes (UFJF)

Sessão 12 (sala 2039b) – Epistolografia e Tradição: Afeto, Recepção e o Papel Feminino

Coordenador (a): Profa. Ma. Jéssica Rodrigues de Oliveira
(UFJF)

16:00 às 17:00 – **Café**

17:00 às 19:00 – **Mesa-redonda**

Estudos Clássicos, Diversidade e recepção – Auditório da
FALE

Profa. Dra. Gislene Vale dos Santos (UFBA)
Profa. Dra. Lorena Lopes da Costa (UFRJ)



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

19:00 às 20:30 – Apresentação Teatral:

Confusão Plautina: uma comédia de confusões inspirada nas obras de Plauto

Diretora: Isabella Guimarães Silva (UFJF)

Auditório da FALE



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

QUINTA-FEIRA, 03/09/2026

09:00 às 12:00 – Extensão e Estudos Clássicos – (sala 2032 – LILi)

14:00 às 16:00 – Comunicações de Pesquisas em Andamento de Graduação e Pós-Graduação

Sessão 13 (sala 1030) – Retórica, Linguagem e Educação: Da Antiguidade ao Medievo

Coordenador (a): Prof. Dr. Fernando Adão de Sá Freitas
(UFJF)

Sessão 14 (sala 1031) – Adaptação da Língua e Controle do Legado Antigo: Práticas de Tradução e Censura Institucional

Coordenador (a): Prof. Dr. Matheus Trevizam (UFMG)

Sessão 15 (sala 2030) – O Uso da Retórica: Persuasão, Conflito e Imperialismo na Antiguidade e Hoje

Coordenador (a): Profa. Ma. Fernanda Santos da Silva (UFJF)

Sessão 16 (sala 2032 - LILI) – Da Poesia Ovidiana à *Auctoritas* Ciceroniana: Recepções e Contextos Tradutórios

Coordenador (a): Prof. Dr. Alessandro Carvalho da Silva
Oliveira (UFES)



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

16:00 às 17:00 – **Café**

17:00 às 19:00 – **Conferência:**

***'Toti = omnes'* – Observações sobre a literarização de um uso linguístico** – Auditório da FALE

Prof. Dr. Lorenz Rumpf (Goethe – Universität Frankfurt)

19:00 às 20:30 – **Conferência de encerramento:**

João Guimarães Rosa e Homero – Auditório da FALE

Profª. Dra. Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa (UFMG)



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Programação das Comunicações de Pesquisas em Andamento de Graduação e Pós-Graduação

TERÇA-FEIRA, 01/09/2026

14:00 às 16:00

Sessão 1: Riso, Teatro e Equidade: O Legado de Rocha Pereira e a Atuação Feminina nos Estudos Clássicos

Coordenador (a): Prof. Dr. Renan Marques Liparotti (UFU)

O Riso de Aristófanes na Cátedra de Coimbra: O Legado e os Herdeiros de Maria Helena da Rocha Pereira

Jorge Silva Pereira (UAB – Portugal)

A cena e a composição do *Prometeu Acorrentado*: diálogos com Rocha Pereira

Renan Marques Liparotti (UFU)

Levantamento inicial de dados acerca da atuação de mulheres classicistas no Brasil

Vitoria Augusta de Souza Gonçalves (UFJF)

Léxico obscuro e humanidades digitais: A criação do Lexicom para o estudo da comédia de Aristófanes

César Augustus Auriquio (UNESP)



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Sessão 2. Mitologia, Literatura Clássica e Práticas de Ensino

Coordenador (a): Profa. Ma. Barbara Delgado Azevedo (UFJF)

Mitologia como fio para os labirintos do mundo: argumentação e leitura crítica na redação do ENEM

Barbara Delgado Azevedo (UFJF)

Maria Eduarda de Paula Costa (UFJF)

Mutatis mutandis: a recepção dos clássicos greco-romanos como práticas de mediação literária no Ensino Fundamental II

Kamilly Pereira Costa dos Santos (UFF)

Narrativas clássicas: colônia de férias para crianças

Ana Beatriz Pereira Ramos (UFJF)

João Felipe Rodrigues (UFJF)

Contos de mitologia: (re)contação de história através de jogo narrativo (RPG)

Emmanuele Souza Sales de Lima (UFJF)

Lara Castro Mesquita (UFJF)

Maria Paula Costa Amorim (UFJF)

Matheus Pinheiro de Souza (UFJF)

Sessão 3: Entre Deusas e Heróis: Leituras Através da Literatura Helenística e Tardia

Coordenador (a): Prof. Dr. Gustavo Henrique Montes Frade
(UFMG)

A Armação de Hera no Canto XIV da *Iliada*



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Daniele Helena da Silveira (UFMG)

Circe, Odisseu e as imagens de sensualidade na *Odisseia*

Gustavo Henrique Montes Frade (UFMG)

Tradição e ruptura no ciclo épico das *Argonáuticas*: estudo comparativo dos catálogos dos argonautas – do Período Helenístico à Antiguidade tardia

Felipe Franco de Melo Bagatelli (USP)

Música e poder nas *Dionisiacas*: a derrota de Tífon pela sedução sonora

Paulo Henrique Oliveira de Lima (USP)

Sessão 4: Recepção Clássica: Diálogos na Literatura e nas Artes Brasileiras

Coordenador (a): Bacharel Isaac Braga Miranda (USP)

Atos e ecos medeicos em Ricardo Domeneck

Isaac Braga Miranda (USP)

A intertextualidade de Machado de Assis entre “Uma ode de Anacreonte” e a poesia lírica grega: uma sequência didática

Isabella Guimarães Silva (UFJF)

Laura Prates Bellozi Monteiro (UFJF)

Entre o clássico e o contemporâneo: uma análise da HQ *Medeia* (2014), de Mariana Waechter



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Vitória da Silva Pereira (UFF)

A imitação de Virgílio na écloga *Albano*, de Cláudio Manuel da Costa

Danilo Carvalho Bussolar (UFES)

Sessão 5: Releituras Ovidianas e Míticas: Transidentidades, Conflitos Geológicos e a Tradição dos Asterismos

Coordenador (a): Profa. Laiene Silva de Souza (UFJF)

Sálmacis e Hermafrodito nas *Metamorfoses* de Ovídio: uma leitura sobre transgeneridade na Antiguidade clássica

Ana Beatriz Paschoal Ferreira da Silva (UFJF)

No meio do caminho tinha uma pedra: notas de tradução para o Geomito de Tifeu nas "*Metamorfoses*"

Alice Viellas Carioca Passerone (UFF)

A metamorfose de Ífis: leitura de uma experiência transgênero

Sam Macedo Paes Linhares Martins (UFJF)

Mitologia do conflito e astronomia: asterismos e catasterismos

Laiene Silva de Souza (UFJF)

Sessão 6: A Sobrevivência dos Clássicos: Reescritas Antigas na Literatura e na Cultura Moderna

Coordenador (a): Prof. Dr. Beethoven Alvarez (UFF)



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Entre Banquetes e Penicos: Ecos da Sátira Latina em *Ubu Roi* e *Ubu Enchaîné*, de Alfred Jarry

Catherine Gecils (UFJF)

As muitas camadas de *Medeia*: tradição, recepção e reescritas

Laura Ribeiro da Silveira (UFES)

Helena de Troia e... o casamento do Superman: diálogos de adaptação entre a sétima e a nona arte

Beethoven Alvarez (UFF)

A caracterização de figuras mitológicas em *A Wonder Book for Girls and Boys* de Nathaniel Hawthorne

Matheus Pinheiro de Souza (UFJF)

Lucas Lima Reis (UFJF)

Sessão 7: A comicidade em Poggio Bracciolini e Nivardus de Ghent: tradução, teoria e análise

Coordenador (a): Profa. Ma. Ana Clara Vizeu Lopes (UFJF)

Reflexões sobre a Tradução do Humor nas *Facetiae* de Poggio Bracciolini

Ana Clara Vizeu Lopes (UFJF)

Raphaella Nasser Rodrigues (UFJF)

A tradução do humor nas *facetiae* 42, 49, 60, 84, 85 e 111 de Poggio Bracciolini

Ana Beatriz Paschoal Ferreira da Silva (UFJF)



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Gabriela Toldo Cortez (UFJF)

O humor nas *facetiae* de Poggio Bracciolini à luz do pensamento de Quintiliano

Laura Prates Bellozi Monteiro (UFJF)

Maria Clara Ferreira de Castro Gama (UFJF)

***Ysengrimus*, de Nivardus de Ghent: tradução do primeiro e do segundo episódios e estudo literário**

Bruno Portes de Castro (UFMG)



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

QUARTA- FEIRA, 02/09/2026

14:00 às 16:00

**Sessão 8: Tradução e Análise Cômico-Satírica: Identidades
Marginalizadas em Roma**

Coordenador (a): Prof. Me. Diogo Moraes Leite (Unicamp)

**As mulheres prostituídas na comédia latina: Tradução de
Bacchides, de Plauto**

Giovanna Paiva Meggiolaro (UFJF)

**Entre a astúcia e a sobrevivência, um subalterno: Tranião, um
seruus callidus plautino**

Raphaella Nasser Rodrigues (UFJF)

**Entre análise e tradução: o percurso tradutório do *Eunuchus* de
Terêncio**

Heloize Fortunato (UFF)

**Masculinidades Romanas e Sátira: Uma Análise da *Sátira IX* de
Juvenal a partir da Perspectiva de Gênero**

Diogo Moraes Leite (Unicamp)

**Sessão 9: Entre o Luto, o Desejo e a Identidade: Representações
e Subjetividades na Poesia Latina**

Coordenador (a): Prof. Mateus Oliveira Aredes de Paula (UFMG)



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Luto simbólico frente à não-morte: o ethos elegíaco para representação da perda afetiva

Mateus Oliveira Aredes de Paula (UFMG)

Sulpícia e a Elegia Latina: Voz e Persona Feminina

Felipe Goncalves da Silva (UFJF)

Entre o masculino e o feminino: a autocastração de Átis no poema 63 de Catulo

Isabella Guimarães Silva (UFJF)

***Legens post mortem*: características da subcategoria epistolar "carta de suicídio" e seus exempla nas *Heroides* de Ovídio**

Luiza Diniz Araújo (UFJF)

Sessão 10: O Trágico e a Memória: Tradução, Recepção e Esquecimento

Coordenador (a): Prof. Me. João Felipe Rodrigues (UFJF)

Os paratextos em traduções de obras clássicas: O caso d'*As bacantes*

João Felipe Rodrigues (UFJF)

Ana Beatriz Pereira Ramos (UFJF)

Revisitando *Antígona*: o coro de Sophie Deraspe

Thyago de Lima Rodrigues (UFRRJ)

Anatomia do Pranto: Transformações Semânticas do Sofrimento nas Reconfigurações do Mito de Electra



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Maria Eduarda Vergílio Giarrante (UNESP)

**A violência na linguagem de Cassandra e de Joyce Mansour:
cuspir ou não na outra face?**

João Vítor de Assis Silva (UFJF)

**Sessão 11: Ontologia, Linguagem e Discurso Falso no
Pensamento Grego**

Coordenador (a): Prof. Me. Igor Fernandes Lopes (UFJF)

Heráclito de Éfeso: Vingança e Justiça em *B94*

Vitor Kauan Correia Xavier (UFMG)

A questão do não-ser e a possibilidade do discurso falso

Igor Fernandes Lopes (UFJF)

A origem dos caminhos de Parmênides

Antônio Vinicius Ferreira da Fonsêca (UFMG)

Lógica e sistemas formais na antiguidade

Rodrigo Lopes Scheffer (UFJF)

**Sessão 12: Epistolografia e Tradição: Afeto, Recepção e o Papel
Feminino**

Coordenador (a): Profa. Ma. Jéssica Rodrigues de Oliveira (UFJF)

**Os lugares do afeto na correspondência entre Frontão e Marco
Aurélio**

Fabrizia Nicoli Dias (UFJF)



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Entre a *puella docta* e a *uxor* ideal: reconfigurações da erudição feminina nas epístolas de Plínio, o Jovem

Jéssica Rodrigues de Oliveira (UFJF)

A condição feminina observada em cartas da obras *As Heróides*, de Ovídio, e a condição feminina observada em fatos atuais: uma comparação

Juliana Donadio Figueiredo Conte (UFAM)

***Carpe Diem*: um olhar histórico-poético**

Diogo Ballesterio Fernandes de Oliveira (UFRJ)



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

QUINTA-FEIRA, 03/09/2026

14:00 às 16:00

Sessão 13: Retórica, Linguagem e Educação: Da Antiguidade ao Medievo

Coordenador (a): Prof. Dr. Fernando Adão de Sá Freitas (UFJF)

O Homero de Santo Agostinho e a educação grega na Antiguidade Tardia

Fernando Adão de Sá Freitas (UFJF)

As palavras, a aprendizagem e o papel do mestre no *De magistro* de Santo Agostinho

Maria Fernanda Sacramento Vasconcelos (UFJF)

Contribuições da Retórica aristotélica para as reflexões sobre a linguagem em uso

Christiano Pereira de Almeida (UFJF)

A ontologia linguística de Tomás de Erfurt

Matheus Batista Gomes (UFJF)

Sessão 14: Adaptação da Língua e Controle do Legado Antigo: Práticas de Tradução e Censura Institucional

Coordenador (a): Prof. Dr. Matheus Trevizam (UFMG)



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

A assimilação por Paládio, '*Opus Agriculturae*', de Columela e Gargílio Marcial

Matheus Trevizam (UFMG)

A *auctoritas* da Antiguidade no tratado *Micrologus* de Guido d'Arezzo

Laura Prates Bellozi Monteiro (UFJF)

As ilusões com que o demônio os enganava: a influência da Igreja na publicação da tradução portuguesa do “Epítome das ‘Histórias Filípicas’”, de Justino

Jéssica Frutuoso Mello (UERJ)

Traduzir os antigos, disciplinar os modernos: recepção e expurgo de textos greco-latinos no *Ratio Studiorum*

Ian Moura Gomes do Nascimento (UNIRIO)

Sessão 15: O Uso da Retórica: Persuasão, Conflito e Imperialismo na Antiguidade e Hoje

Coordenador (a): Profa. Ma. Fernanda Santos da Silva (UFJF)

Retórica Clássica no século XXI: a democratização da teoria clássica por meio da prática extensionista

Laiene Silva de Souza (UFJF)

Discursos misóginos e Estoicismo no Youtube: uma análise de conteúdos publicados por grupos conservadores

Júlia Lopes Coelho (UFJF)



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

A retórica da conquista na *Eneida*: imperialismo e alteridade

Fernanda Santos da Silva (UFJF)

**Sessão 16: Da Poesia Ovidiana à *Auctoritas* Ciceroniana:
Recepções e Contextos Tradutórios**

Coordenador (a): Prof. Dr. Alessandro Carvalho da Silva Oliveira
(UFES)

**Amor como jogo e erotismo como expressão literária: um estudo
comparativo entre *O Decamerão*, de Giovanni Boccaccio, e *A Arte
de Amar*, de Ovídio**

Laura Rodrigues M. Gherardi (UFJF)

**Cristalização de ensinamentos amorosos de “A Arte de Amar”,
de Ovídio, em “O Livro de Uma Sogra”, de Aluísio de Azevedo**

Lidiane Barreto Costa Neves (UFAM)

**A nuance tradutória no “De Astronomia” de Higino em cenários
de relação sexual forçada**

Maria Clara Ferreira de Castro Gama (UFJF)

**Cícero retoma sua própria tradução: autocitação e retradução das
obras de Arato em *De Natura Deorum***

Alessandro Carvalho da Silva Oliveira (UFES)



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Resumos das Comunicações de Pesquisas em Andamento de Graduação e Pós-Graduação

Sessão temática 1:

Riso, Teatro e Equidade: O Legado de Rocha Pereira e a Atuação Feminina nos Estudos Clássicos

O riso de Aristófanes na cátedra de coimbra: o legado e os herdeiros de Maria Helena da Rocha Pereira

Prof. Me. Jorge Silva Pereira (UAB -Portugal)

A presente comunicação tem como objeto de estudo a análise da evolução da receção da comédia de Aristófanes no recorte temporal e espacial do panorama académico português entre os séculos XX e XXI, tendo como eixo central o pioneirismo científico, o rigor metodológico oxfordonense e o legado humanista da Professora Doutora Maria Helena da Rocha Pereira. Como motivação teórica, parte-se do contraste entre a hermenêutica providencialista e moralizadora do Estado Novo – corporizada na pedagogia tradicional de figuras como o Padre António Freire, que viam no teatro cómico e no riso grego um testemunho da «imoralidade do paganismo helénico» – e a subsequente rutura operada pela filologia estritamente científica, aconfessional e laicizada da Escola de Coimbra. Em Portugal, durante o Salazarismo o legado greco-latino era cooptado e instrumentalizado de forma ideológica pelo regime, servindo de espelho a "virtudes morais" alinhadas com o conservadorismo católico. Neste panorama, a tragédia dominava o meio académico (aproximadamente 96% das teses e dissertações produzidas entre 1944 e 1967, segundo a catalogação do autor da comunicação, focavam-se no moralismo trágico, como o "choro de Antígona" ou o "cumprimento do dever" de Ifigénia). Em



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

contrapartida, a Comédia Antiga – e o riso de Aristófanes – era fortemente ostracizada por ser considerada visceral e politicamente corrosiva. Nuvens (e Rãs com algumas amputações) era as únicas comédias aristofânicas imunizadas e legitimadas e isto por que serviam à instrumentalização do Estado Novo, da qual Freire era uma das representações maiores na pedagogia “padrista” da subordinação. O objetivo específico cinge-se a demonstrar de que forma a metodologia de Rocha Pereira conferiu nova dignidade académica ao riso aristofânico, desconstruindo preconceitos censores e estimulando uma investigação autónoma que transitou do texto universitário para a representação cénica. Para fundamentar este percurso analítico, o enquadramento teórico mobiliza os contributos da crítica literária clássica e da sociologia da cultura, avaliando a transição do testemunho filológico matricial da Mestra para a sua consolidação e desdobramento através de herdeiros diretos, com destaque para a Professora Maria de Fátima de Sousa e Silva e seus discípulos Carlos Martins Jesus e Rui Tavares de Faria, e para a expansão dos estudos teatrais na Universidade de Coimbra, nomeadamente através do Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC) e posteriormente do Thíasos (e a Associação Cultural Thíasos). Este percurso teve uma projeção nacional e internacional que solidificou Coimbra como o pilar moderno dos Estudos Clássicos em Portugal. Maria Helena da Rocha Pereira, o seu legado e os seus herdeiros, face ao exposto, demonstraram cientificamente que o riso de Aristófanes tem tanta cientificidade como o choro de Antígona.

Palavras-chave: Aristófanes, Estado Novo, estudos clássicos, receção clássica, Rocha Pereira.



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

A cena e a composição do *Prometeu Acorrentado*: diálogos com Rocha Pereira

Prof. Dr. Renan Marques Liparotti (UFU)

No centenário de Maria Helena da Rocha Pereira, este trabalho reúne e analisa as contribuições críticas da renomada helenista acerca da peça *Prometeu Acorrentado* (atribuída a Ésquilo), as quais se encontram dispersas no volume *Recensões, Críticas, Notícias e Comentários*, publicado postumamente. Em diálogo com a homenageada e com a fortuna crítica do drama – que inclui nomes como Paduano (1968), Lloyd-Jones (1969), Herington (1970), Taplin (1975), Griffith (1977, 1983), West (1979), Conacher (1980), Said (1985), Lefèvre (1987), Pattoni (1987), Hubbard (1991), Thomson (1991), Sottomayor (1992) e Soares (1995) –, investigam-se os problemas de composição e de encenação da obra, demonstrando como as indicações do texto orientam a reconstrução do espaço cênico. Analisam-se três momentos cruciais desse drama estático: a controversa presença física de Prometeu no prólogo, contrastando a hipótese de um terceiro ator; a entrada aérea do coro de Oceânides e sua transição para a *orchestra*, operando como contraste dinâmico à imobilidade do protagonista; e a representação técnica do cataclismo final por meio do *bronteion*. Ademais, articula-se essa dimensão espetacular com as escolhas métricas e estilísticas da tragédia, caracterizada por um estilo mais simples e prosaico, pela preferência por versos curtos e pelo uso expressivo do trímetro iâmbico e do enjambement – elementos que facilitam a tradução e a fluidez narrativa, mas que também alimentam os debates sobre a autoria esquiliana. Discute-se, ainda, o desafio de encenar as errâncias geográficas de Io para um público contemporâneo habituado à linguagem cinematográfica. Busca-se, assim, lançar nova luz sobre a hermenêutica da obra a partir das leituras de Rocha Pereira, com especial atenção ao seu texto de introdução à histórica



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

encenação dirigida por Paulo Quintela (com tradução de Ana Paula Sottomayor), apresentada pelo Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra na noite de 2 de maio de 1967. Conclui-se que as reflexões sobre a materialidade cênica e a estrutura métrica do Prometeu revelam a extraordinária vitalidade que a tragédia grega oferece aos palcos e à tradução contemporânea.

Palavras-chave: Ésquilo, performance, Prometeu, teatro, tragédia.

Levantamento inicial de dados acerca da atuação de mulheres classicistas no brasil

Vitoria Augusta de Souza Gonçalves (graduanda – Letras Port.-
Clássicas/UFJF/FAPEMIG)

Orientadora: Profa. Dra. Carol Martins da Rocha (UFJF)

Esta pesquisa de Iniciação Científica, desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Iniciação Científica da UFJF, com bolsa Fapemig, é parte de um projeto de investigação acerca da atuação feminina nos Estudos Clássicos brasileiros. A motivação de tal pesquisa parte da percepção de que as desigualdades de gênero nas diferentes áreas do conhecimento também são manifestadas neste campo específico. Isso porque, embora as mulheres representem parcela significativa do corpo discente nos cursos de Licenciatura, que, em geral, são a origem da maior parte das pessoas estudiosas nessa área, é perceptível que sua presença tende a diminuir à medida que se observam posições de maior prestígio e reconhecimento acadêmico, evidenciando possíveis barreiras relacionadas à permanência, à progressão na carreira e à visibilidade intelectual das mulheres no campo dos Estudos Clássicos. Diante desse cenário, esta pesquisa busca, num horizonte mais amplo, analisar dados sobre o ingresso, o processo de formação de mulheres classicistas e, até mesmo, a discrepância da permanência dessas mulheres, em



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

busca de compreender de que maneira as desigualdades de gênero se configuram na área de Estudos Clássicos no Brasil. Nesta apresentação em específico, apresentaremos um primeiro levantamento quantitativo de dados acerca da composição dos quadros de docentes atuando na área de Letras Clássicas, na pós-graduação em instituições públicas de ensino superior brasileiras. A partir destes dados, pretende-se traçar um panorama da participação feminina e, na medida do possível, identificar fatores estruturais que contribuem para possíveis disparidades de gênero para fomentar o debate acerca da promoção de maior equidade de gênero no campo acadêmico.

Palavras-chave: atuação de mulheres no ensino superior no Brasil, desigualdade de gênero, letras clássicas, mulheres classicistas.

Léxico obsceno e humanidades digitais: a criação do *Lexicom* para o estudo da comédia de Aristófanes

César Augustus Auriquio (mestrando – Língua Portuguesa/UNESP)

Orientador: Marco Aurelio Scarpino Rodrigues (UNESP)

O estudo do léxico obsceno, escatológico e de baixo calão na comédia de Aristófanes apresenta desafios filológicos significativos, tradicionalmente limitados pela dispersão dos dados e pela ausência de categorizações lexicais sistemáticas em dicionários de referência. Diante desse cenário, a presente comunicação propõe relatar o desenvolvimento de um aparato lexicográfico digital estruturado no âmbito de uma pesquisa de mestrado acadêmico em andamento no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa (PPGLLP), com área de concentração em Estudos Clássicos), vinculada à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Câmpus de Araraquara, sob a



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

orientação do Prof. Dr. Marco Aurelio Scarpino Rodrigues. O objetivo do projeto é mapear, extrair e modelar os termos de baixo calão nas onze comédias preservadas do autor grego, reconciliando a filologia tradicional com as tecnologias de dados abertos. Do ponto de vista metodológico, o pipeline de pesquisa iniciou-se com o processamento de arquivos estruturados em formato XML (padrão TEI) provenientes do *Perseus Project*, seguido pelo cruzamento de radicais no *Python* e pela lematização via *Classical Language Toolkit* (CLTK). Para contornar a limitação de dicionários pré-definidos, aplicou-se uma estratégia de "pente fino inverso" que varreu o vocabulário completo do corpus, isolando termos de baixa frequência (hápx legomena e dis legomena). Esse esforço reduziu um volume bruto de mais de 11.000 termos raros para um corpus refinado de 1.493 vocábulos potencialmente agressivos ou vulgares, devidamente contextualizados por peça e verso, e por fim, os termos validados, por uma auditoria filológica manual sistemática (*human-in-the-loop corpus review*), estão sendo inseridos no projeto de mestrado intitulado *LEXICOM: Cartografia do riso em Aristófanes rumo à construção de um léxico da comédia clássica*. Os resultados preliminares apontam para o sucesso na criação de um fluxo de trabalho escalável e replicável, demonstrando como a computação aplicada pode não apenas automatizar a extração lexicográfica, mas também enriquecer a interpretação literária e a preservação digital do riso e do tabu na Antiguidade.

Palavras-chave: Aristófanes, humanidades digitais, LEXICOM, web semântica.



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Sessão 2:

Mitologia, Literatura Clássica e Práticas de Ensino

Mitologia como fio para os labirintos do mundo: argumentação e leitura crítica na redação do ENEM

Barbara Delgado Azevedo (Doutoranda – Linguística/UFJF)
Coautoria: Maria Eduarda de Paula Costa (UFJF)

Em um contexto educacional em que a redação do Enem frequentemente é reduzida a fórmulas estruturais e repertórios utilizados de maneira mecânica, torna-se necessário pensar o ensino da escrita como prática de leitura crítica da sociedade. Nesse sentido, este trabalho parte da motivação de aproximar os Estudos Clássicos do ensino de redação, compreendendo a mitologia não como elemento ornamental da argumentação, mas como ferramenta simbólica capaz de auxiliar estudantes na interpretação dos “labirintos” do mundo contemporâneo. A permanência dos mitos clássicos na cultura ocidental demonstra que tais narrativas continuam oferecendo imagens, conflitos e estruturas interpretativas que dialogam com questões sociais atuais, conforme discutem Vernant (1990) e Eliade (2016). O objetivo da pesquisa é analisar como mitos greco-romanos podem contribuir para a construção argumentativa em redações do Enem, favorecendo processos de leitura de mundo, reflexão crítica e ampliação do repertório sociocultural. Além disso, busca-se apresentar a elaboração de um material didático voltado ao ensino de produção textual, no qual diferentes figuras míticas serão mobilizadas como possibilidades de interpretação de temas contemporâneos recorrentes no exame. Mitos, inspirados na obra de Ovídio (2007), como o de Narciso, Ícaro, Pandora, Sísifo e Ariadne, por exemplo, permitem discutir questões relacionadas à cultura da imagem, aos limites da tecnologia, à disseminação de



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

discursos de ódio, à exaustão social e às formas de orientação diante da complexidade do presente. O aparato teórico articula estudos de recepção da tradição clássica e permanência dos mitos na contemporaneidade com discussões acerca da argumentação e do ensino de produção textual. Dialoga-se com Vernant (1990), ao compreender o mito como forma de pensamento e elaboração simbólica da experiência humana, e com Eliade (2016), para quem os mitos permanecem atuantes na organização cultural das sociedades. No campo da linguagem e da argumentação, a pesquisa aproxima-se das reflexões de Koch e Elias (2016) sobre a construção argumentativa dos discursos e das contribuições de Marcuschi (2008) acerca da produção textual como prática social. Também se considera a perspectiva de Candido (2011), ao compreender a linguagem e a literatura como instrumentos de formação crítica, de humanização e como um direito humano. Assim, o trabalho pretende evidenciar que a mitologia clássica continua oferecendo caminhos possíveis para pensar o presente, não como pretexto, mas como ferramenta de reflexão ativa. Ao utilizar os mitos como fios interpretativos para os labirintos do mundo contemporâneo, a proposta busca reafirmar a redação como espaço de reflexão, formação crítica e produção de sentidos sobre a experiência humana e social.

Palavras-chave: mitos ovidianos, redação Enem, recepção dos clássicos.

Mutatis Mutandis: a recepção dos clássicos greco-romanos como práticas de mediação literária no ensino fundamental II

Kamilly Pereira Costa dos Santos (UFF/ Prolicen)
Orientadores: Prof. Dr. Marcello Peres Zanfra (UFF)
Prof. Dr. Arthur Rodrigues Pereira Santos (UFF)
Prof. Dr. Luiz Pedro da Silva Barbosa (UFF)



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre as formas contemporâneas de recepção e adaptação da Antiguidade clássica greco-romana em contextos e obras culturais e pedagógicas do projeto de extensão: *Mutatis mutandis*: a recepção dos clássicos como ferramenta do Docente de Língua Portuguesa e Literatura para estímulo à leitura e à apreciação crítica das artes, da Prolicen-UFF (Programa Licenciaturas). A partir de propostas de recepção da Antiguidade Clássica greco-romana em práticas pedagógicas voltadas às turmas de 6º e 7º ano do Ensino Fundamental II da Escola Municipal Doutor Alberto Francisco Torres, em Niterói, sob supervisão do professor Luciano Amaral, o trabalho fundamenta-se em discussões sobre recepção dos clássicos, adaptações de mitos e mediação literária em sala de aula, dialogando com estudos acerca das releituras de narrativas greco-romanas em contextos educacionais contemporâneos, com base bibliográfica de Ramo, Bedran, Morais e Lima (2016), para as atividades pedagógicas propostas neste trabalho. Dessa maneira, a primeira proposta pedagógica aborda episódios selecionados da *Eneida*, de Virgílio (19 a.C.), destacando especialmente o Livro II, que narra a queda de Tróia, articulando a leitura do texto clássico com referências contemporâneas, como a série “Percy Jackson e os Olimpianos”, de Rick Riordan (2005), e a história em quadrinhos A Guerra de Tróia, de Don Foca, Raphael Gritti e Rod Fernandes (2023). A segunda proposta desenvolve atividades a partir do mito de Aracne, presente nas *Metamorfoses*, de Ovídio (8 d.C.), promovendo debates sobre o uso da pixação como expressão artística, da violência e como manifestação de resistência, a partir do destaque à tapeçaria tecida por Aracne para denunciar a violência dos deuses em sua disputa com a deusa Palas/Atena. As atividades metodológicas incluem leituras compartilhadas, rodas de conversa, debates dirigidos, interpretações coletivas, interpretações intermediárias e uma oficina de pichação com os alunos. Embora atuem em campos distintos, as análises convergem



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

ao evidenciar a permanência dos clássicos e suas possibilidades de atuação em práticas culturais e educativas contemporâneas em sala de aula. Nosso objetivo, ao final deste trabalho, é fazer com que os estudantes tenham aproveitamento não apenas das recepções clássicas greco-romanas, mas também das leituras dos mitos em sala de aula. Nossa estimativa é que os estudantes passem a se interessar por uma leitura mais assídua a partir da literatura clássica desenvolvida em sala e das intervenções pedagógicas e tecnológicas que estimulem o interesse deles pela leitura.

Palavras-chave: ensino de literatura; formação leitora; mediação literária; mitologia greco-romana; recepção clássica.

Narrativas clássicas: colônia de férias para crianças

Ana Beatriz Pereira Ramos (mestranda– Estudos Literários /UFJF/ PROEX)

Coautoria: João Felipe Rodrigues (doutorando – Estudos Literários/UFJF)

Esta pesquisa tem como objetivo analisar os impactos do projeto de extensão Colônia das Letras realizado de 13 de julho a 17 de julho, vinculado à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), como espaço de articulação entre a formação de leitores e escritores e o acesso democrático a práticas culturais para crianças e jovens do município de Juiz de Fora durante o período de recesso escolar. A proposta da colônia de férias configura-se como uma ação extensionista que integra literatura, cultura, educação, sociabilidade, promovendo experiências formativas para além do ambiente escolar. As atividades contemplam o contato com obras da literatura clássica antiga, especialmente das tradições helênica e latina, bem como com produções contemporâneas inspiradas nesses repertórios, aproximando os participantes de narrativas fundamentais para a constituição da cultura ocidental.



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Busca-se, assim, fomentar o diálogo entre os sujeitos e os textos literários, estimulando reflexões sobre si, o outro e a sociedade. A pesquisa, orientada pela Prof.^a Dra Fernanda Cunha Sousa, fundamenta-se na compreensão de que literatura e educação são práticas indissociáveis da formação humana. Nesse sentido, adota como principal referência teórica Antonio Candido (1995), para quem a literatura constitui um direito fundamental e um instrumento de formação intelectual e afetiva, capaz de ampliar horizontes de percepção, problematizar valores e contribuir para a construção de uma consciência crítica. A metodologia adotada fundamenta-se nos pressupostos da pesquisa-ação, mesclando a intervenção e reflexão acerca das atividades em desenvolvimento (Zozzoli, 2006). Espera-se, desse modo, relatar e discutir as contribuições da *Colônia das Letras* para a democratização do acesso à cultura e para a formação de leitores e escritores, como também o impacto na formação dos estudantes de Graduação em Letras dos e pesquisadores do Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística.

Palavras-chave: adaptação de textos clássicos, educação infantil, extensão, literatura e educação.

Contos de mitologia: (re)contação de história através de jogo narrativo (RPG)

Emmanuele Souza Sales de Lima (Graduanda – Letras Port.-
Clássicas/UFJF)

Coautoria: Lara Castro Mesquita (graduanda – Letras
Espanhol/UFJF)

Maria Paula Costa Amorim (graduanda – Artes Visuais/UFJF)

Matheus Pinheiro de Souza (graduando – Letras Inglês/UFJF)

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Cunha Sousa (UFJF)



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

O presente trabalho, parte integrante do projeto de extensão *Contos de Mitologia*, coordenado pelas professoras Fernanda Cunha e Charlene Miotti, aborda as atividades realizadas/previstas para o ano de 2026 em parceria com a Escola Municipal Tancredo Neves. Continuando os trabalhos realizados nos anos anteriores com turmas de 5º e 6º anos, em 2026 as narrações dos mitos e atividades de reflexão estão se utilizando do Role Playing Game (RPG) – um jogo de contação de história em conjunto – no qual o Narrador interpreta o mundo e seus personagens narrando as consequências das ações dos jogadores. Nessa proposta, os alunos, que são os jogadores, criam seus personagens a partir de suas próprias referências, podendo escolher entre ser uma criatura ou um semideus, para, então, partir em uma missão dada pela Musa Calíope, no mundo de Grécia Antiga mitológica. A história é construída em conjunto e através de decisões e narrações majoritariamente improvisadas, sendo apresentadas curiosidades culturais – como: qual a importância dos templos? O que é uma trirreme? – em conjunto com os mitos selecionados, principalmente da obra *Metamorfoses*, do poeta latino Ovídio do Período Clássico, adaptando os mitos para torná-los mais acessíveis e adequados à faixa etária dos alunos. A decisão de usar o jogo narrativo surge pelo interesse dos bolsistas somado ao potencial didático do RPG, que tem sido muito explorado nos últimos anos, por ser um jogo colaborativo capaz de desenvolver a criatividade, o raciocínio, a tomada de decisões, entre outras habilidades sociais e pedagógicas dos participantes. Dessa forma, o presente trabalho traz uma relato de experiência e os resultados parciais das atividades realizadas até o momento, discutindo desafios e conquistas desse projeto, que busca democratizar o acesso à cultura clássica para a comunidade externa da universidade.

Palavras-chave: extensão, mitologia, jogo narrativo, cultura clássica.



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Sessão 3: Entre Deusas e Heróis: Leituras Através da Literatura Helenística e Tardia

A armação de Hera no canto XIV da *Iliada*

Daniele Helena da Silveira (Mestranda Pós-Lit/UFMG/CAPES)
Orientadora: Profa. Dra. Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa
(UFMG)

Essa pesquisa é fruto da dissertação *Deusas no Espelho: Uma análise de cenas típicas de vestição e sedução na Iliada e nas Argonáuticas*, que ainda está em andamento. O objetivo deste recorte é fazer uma análise de cenas típicas de vestição, de forma a mostrar como a descrição da vestição de Hera no canto XIV da *Iliada* remete à vestição de armaduras por heróis para batalhas, como nos cantos III, XI, XVI e XIX. Pode-se compreender cenas típicas como “situações recorrentes que são narradas de acordo com um padrão mais ou menos fixo” (Clark, 2006, p. 134), assim, serão analisadas cenas de vestição que mantêm um padrão entre elas, permitindo que sejam comparadas entre si. As primeiras cenas que servirão como escopo são as cenas de vestição de armaduras de guerreiros: Páris (III, 328-38), Agamêmnon (XI, 15-44), Pátroclo (XVI, 130-154) e Aquiles (XIX, 364-424). Pode-se notar que essas cenas seguem uma fórmula ou modelo, considerando as peças de vestimenta e acessórios colocados e a ordem em que são postos, podendo as descrições serem mais ou menos flexíveis quanto à sua extensão e ordem. O padrão apresentado, então, é: caneleiras, couraça, espada, escudo, elmo e lanças, como proposto pelo comentador Kirk (1985). De maneira análoga, no momento de decisão de Hera em elaborar um plano para seduzir Zeus e permitir que os deuses interfiram na guerra, ela se veste seguindo também um padrão que se assemelha



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

ao dos guerreiros, sua fórmula de vestição, analisada por Spiro (2018), seguindo a ordem: lavar o corpo, cuidar do cabelo, se vestir, colocar um cinto, brincos, véu e sandálias. Desse modo, pode-se sugerir que Hera também está se vestindo para uma batalha, que consiste em seduzir Zeus, na qual contará com artifícios de sedução e armas. Dessa maneira, a pesquisa também tem por objetivo analisar quais são as armas do feminino para “batalha”, escrutinando seus recursos para obterem sucesso em suas empreitadas. Essas armas serão voltadas para a submissão pelo fascínio e pela paixão, tanto pela maneira como Hera se veste — ou se “arma” — como pela obtenção do cinturão de Afrodite, que ela pede emprestado à deusa da beleza de forma a consolidar seu plano. O cinturão, então, pode ser compreendido como “um objeto de sedução e atração, em vez de medo e ameaça, tendo conceitos positivos incorporados nele: amor, desejo e súplica, em oposição a conflito, força e busca” (Canevaro, 2018, p. 216, tradução própria), permitindo opô-lo às armas utilizadas pelos guerreiros na guerra. Portanto, entende-se como a cena de vestição de Hera no canto XIV da *Iliada* pode ser lida como uma armação de guerreiros para batalha, estruturada, no entanto, como um oposto paralelo de acordo com as definições de gênero entendidas à época.

Palavras-Chave: armação, cenas típicas, Hera, *Ilíada*, vestição.

Circe, Odisseu e as imagens de sensualidade na *Odisseia*

Prof. Dr. Gustavo Henrique Montes Frade (Estudos
Literários/UFMG)

Em seu relato para os feácios, Odisseu, mestre do discurso e do entretenimento narrativo, apresenta seu histórico de intimidade sexual com as deusas Circe e Calipso valorizando sua própria personagem não pelas conquistas eróticas, mas pela resistência a



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

essas possíveis ameaças ao casamento com Penélope e ao retorno à Ítaca, de modo a satisfazer a curiosidade dos feácios e parecer digno diante de Arete, rainha da qual depende a garantia de seu transporte de volta para casa. Como narrador, Odisseu é, de modo geral, honesto com sua experiência, capaz de admitir suas más decisões e os limites de seu conhecimento, mas é também diretamente interessado em construir para a audiência uma impressão moralmente positiva a respeito de si mesmo. Por isso, Odisseu parece maximizar a ameaça de retenção na ilha de Circe e minimizar o erotismo e a sensualidade de seu convívio. O guerreiro maximiza a ameaça de Circe a seu casamento atribuindo à deusa um desejo de tê-lo como marido que, diferente do que acontece com Calipso, não corresponde ao comportamento da deusa em seu relato; minimiza o aspecto erótico de seu convívio narrando apenas uma única relação sexual entre os dois, a relação necessária para fazer com que a deusa passe de ameaça para ajudante, e usando as imagens tradicionais de sensualidade erótica apenas na fala de Circe, não na sua narração do evento. A partir da investigação do texto grego, da bibliografia especializada dedicada à *Odisseia* e da comparação de traduções brasileiras, este trabalho se dedica a explicitar as estratégias narrativas do herói para se construir como personagem de suas aventuras e a comparar suas estratégias com as escolhas das traduções brasileiras para transpor para o português as imagens de sensualidade na *Odisseia*.

Palavras-chave: Homero, narrativa, Odisseia, tradução.

Tradição e ruptura no ciclo épico da *Argonáuticas*: estudo comparativo dos catálogos dos argonautas – do período helenístico à Antiguidade Tardia

Felipe Franco de Melo Bagatelli (mestrando –
FFLCH/USP/CAPES)



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Prof. Dr. Fernando Rodrigues Junior (USP)

Previamente à guerra de Troia, progenitores de muitos dos líderes aqueus elencados na *Iliada* e *Odisseia* participaram de uma longa expedição a bordo do navio Argo. O périplo, sob liderança de Jasão, entre a Tessália e a remota Cólquida, na busca do velocino de ouro, foi diversamente tematizado ao longo da Antiguidade. Para além de alusões pontuais em Homero, Hesíodo, Mimnermo, ou a elaboração de trechos por tragediógrafos do Período Clássico, a mais antiga narrativa completa que nos chegou encontra-se na *Pítica IV* de Píndaro (séc. V AEC). No gênero épico, ainda que abordada nas fragmentárias *Coríntiacas* de Eumelo, nas *Naupácticas* e no perdido poema atribuído a Epimênides, é apenas a partir do período helenístico que nos chegou uma obra em hexâmetros integralmente dedicada a este ciclo mítico: as *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes (séc. III AEC). Posteriormente, veio-nos do período imperial a homônima obra do poeta latino Caio Valério Flaco (séc. I EC), além da idiossincrática épica tardia de expressão grega e autoria anônima *Argonáuticas órficas* (séc. IV-V EC), ambas apresentando grande similaridade com o enredo apoloniano. De todas essas obras, o mais antigo catálogo de argonautas extante encontra-se em Píndaro, limitado a listar 10 tripulantes, todos com ascendência divina direta. As três *Argonáuticas* subsequentes, por sua vez, apresentarão pela primeira vez catálogos que se pretendem integrais. Dos compêndios de mitógrafos supérstites, incluirão listas exaustivas de argonautas apenas as *Fabulae* de Higino e a *Biblioteca* de pseudo-Apolodoro. Da comparação de todas essas enumerações, encontramos variação não apenas em sua composição, quanto na ordem em que os membros da expedição são apresentados e na forma com que são introduzidos. No presente trabalho, enquanto recorte do mestrado em andamento sob orientação do prof. Dr. Fernando Rodrigues Jr., propõe-se explicitar de que modo esses três poemas épicos elencam os argonautas, elucidando os mecanismos narrativos envolvidos, as relações intertextuais subjacentes, bem como a existência de



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

variantes do mito. Além de ressaltar a longevidade poética desse ciclo mítico, pretende-se nesta comunicação atentar à flexibilidade do gênero épico, ilustrando-a por meio das adaptações da estrutura convencional do catálogo, com destaque para o modo como, formal e tematicamente, ele explicita muito mais do que aquilo que enumera.

Palavras-chave: Apolônio de Rodes, Argonáuticas, *Argonáuticas órficas*, Caio Valério Flaco, épica.

Música e poder nas Dionisiacas: a derrota de Tífon pela sedução sonora

Prof. Dr. Paulo Henrique Oliveira de Lima (Letras
Clássicas/USP)

As *Dionisiacas* de Nono de Panópolis, compostas no século V d.C., constituem o mais extenso poema épico preservado em língua grega. Caracterizada pela reelaboração da tradição épica e pela incorporação de elementos provenientes de diferentes gêneros literários, a obra é organizada segundo o princípio da *poikilia* (ποικιλία), entendido como variedade temática, formal e narrativa. Entre os episódios mais significativos do primeiro canto encontra-se a luta entre Zeus e Tífon. Após perder temporariamente seus raios, Zeus vê sua soberania ameaçada pelo Gigante, que assume o controle das forças cósmicas. A restauração da ordem, contudo, não se inicia por meio do combate direto. Em vez disso, Zeus recorre a Cadmo, que, disfarçado de pastor, utiliza a música e o canto para seduzir Tífon. Encantado pela performance musical, o Gigante abandona as armas divinas e se torna vulnerável, abrindo caminho para a recuperação do poder olímpico. O presente trabalho analisa a função da música como instrumento de poder no episódio de Cadmo e Tífon (*Dion.* 1.401–534), demonstrando que Nono



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

substitui temporariamente o paradigma épico da força (*βία*) por um modelo fundamentado na persuasão estética e na sedução sonora. Dessa forma, o principal argumento é que a vitória de Zeus começa a ser construída não no campo de batalha, mas no espaço da performance musical, onde o canto assume papel estratégico na reorganização da ordem cósmica. A pesquisa dialoga com diferentes correntes dos estudos nonianos. A compreensão de Nono como poeta da reelaboração criativa da tradição épica apoia-se em Shorrock (2001), enquanto Chuvin (1991) e Hernández de la Fuente (2008) contribuem para a interpretação das relações entre mito, cosmologia e simbolismo religioso. A recepção da poesia helenística é abordada a partir de Mazza (2012) e Hollis (1976; 1994), que destacam a presença de modelos alexandrinos na composição noniana. No que se refere à dimensão pastoral do episódio, o estudo fundamenta-se em Harries (1994; 2006), que examina a função do modo bucólico nas *Dionisiacas*, e em Lasek (2009; 2016), para quem a cena de Cadmo e Tífon constitui uma reconfiguração do universo pastoral em contexto de ameaça cósmica. Nesse quadro crítico, a música deixa de ser mero ornamento poético para converter-se em mecanismo narrativo de sedução, engano e restauração da ordem. Sustenta-se que Nono transforma a derrota de Tífon em um verdadeiro *agón* musical, no qual a arte do canto se revela mais eficaz do que a força física. O episódio evidencia, assim, uma das características mais originais das *Dionisiacas*: a capacidade de integrar tradição épica, poética bucólica e estética da *poikilia*, fazendo da sedução sonora um instrumento fundamental de poder narrativo e cósmico.

Palavras-Chave: Antiguidade Tardia, *Dionisiacas*, Nono de Panópolis, poesia épica.



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Sessão 4: Recepção Clássica: Diálogos na Literatura e nas Artes Brasileiras

Atos e ecos medeicos em Ricardo Domeneck

Isaac Braga Miranda (mestrando – Letras Clássicas/USP)
Orientador: Prof. Dr. Fernando Rodrigues Junior (USP)

Este trabalho busca analisar dois textos do livro *Cigarros na cama precedido por Manual para melodrama*, do poeta brasileiro Ricardo Domeneck, nomeadamente *Como reagir ao ser abandonado e substituído I: Método medeico* e *Mãe Medeia Amarração Definitiva*, a fim de examinar como o autor constrói uma versão própria do mito de Medeia valendo-se de versões antigas e de sua recepção nos séculos XX e XXI. Para isso, a leitura dos textos contemporâneos é apoiada por diferentes instâncias antigas das narrativas da princesa colca (como em Eurípides, Apolônio de Rodes e Ovídio) e pela extensa bibliografia que se dirige à recepção de sua figura na Antiguidade e na contemporaneidade. A partir desses, que o próprio poeta traz para dentro da esfera de significação de seus textos ao citá-los direta ou indiretamente, faz-se possível perceber que, diferentemente de muitas versões contemporâneas de Medeia que se dirigem mais diretamente a determinadas obras, especialmente a de Eurípides, Domeneck sobrepõe e transforma referências de forma a criar uma personagem recontextualizada, inclusive afastada de alguns de seus referenciais principais (como a maternidade infanticida) e aproximada a outros (como sugere o título de um dos textos, ser uma amante abandonada e substituída). Ancorando os elementos narrativos, como temas (o exílio ou a bruxaria) e personagens (Jasão ou Glauce), em formas específicas de representação, o poeta faz, à maneira antiga, uma reapropriação do mito para compor o sentido mais amplo de seu livro, demonstrando também uma articulação



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

com abordagens de recepção e adaptação. Assim, esta análise, em parte derivada de discussões do grupo de estudos Filologia Nômade (UECE), almeja entender, por meio das perspectivas dos estudos da recepção clássica e por meio do rico repertório de recepção da figura de Medeia, como a poesia brasileira e Ricardo Domeneck refiguram a personagem e a tradição.

Palavras-chave: Medeia, poesia brasileira contemporânea, recepção clássica, Ricardo Domeneck.

A intertextualidade de Machado de Assis entre “Uma Ode De Anacreonte” e a poesia lírica grega: uma sequência didática

Isabella Guimarães Silva (graduanda – Letras Port.-Clássicas /UFJF)

Coautoria: Laura Prates Bellozi Monteiro (graduanda – Letras Port.-Clássicas/UFJF)

Orientador: Prof. Dr. Edmon Neto de Oliveira (UFJF)

Esta comunicação é destinada a apresentar a sequência didática elaborada no âmbito da disciplina: *Oficina de Estudos Literários: Machado de Assis na escola*, ministrada pelo professor Dr. Edmon Neto de Oliveira no primeiro semestre letivo de 2026. Este material tem como objetivo principal discutir com alunos do terceiro ano de Ensino Médio a intertextualidade entre o poema *Uma ode de Anacreonte*, de Machado de Assis, que integra a coletânea de poesias Falenas, publicada em 1870, e a poesia lírica grega. O poema, que é composto em versos alexandrinos, apresenta diversas referências à cultura clássica, em específico, às obras e ao estilo de Anacreonte, poeta lírico, o qual, segundo Giuliana Ragusa na sua obra *Lira Grega* (2013), nasceu em Teos, cidade jônica, mas atuou em outras localidades da Grécia, como a ilha de Samos, cenário em que se situa as ações do poema dramático. Para a análise, utiliza-se o



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

conceito de intertextualidade apresentado por Diana de Barros e José Fiorin, na obra *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin* (1999), que tem como base os estudos de Julia Kristeva e Mikhail Bakhtin, definindo-a como a presença de diversas vozes e referências em uma obra, mantendo relações de proximidade, retomada, recriação ou até rejeição com outro texto. Baseado nesse conceito, como atividade final, os alunos deverão compor um poema que dialogue com a poesia de Safo (~600 AEC), que Ragusa (2013) indica que viveu na ilha de Lesbos, e foi uma das figuras mais admiradas da literatura antiga, ao ponto em que até mesmo fontes antigas chegam a chamá-la de “décima musa”, aplicando o conceito de intertextualidade aprendido. Assim, buscamos salientar a relevância de uma pesquisa sob a luz dos Estudos Clássicos para o trabalho com textos de Machado de Assis no ambiente escolar, considerando a variedade de referências que o autor emprega em suas obras.

Palavras-Chave: Anacreonte, intertextualidade, Machado de Assis, poesia lírica, Safo de Lesbos

Entre o clássico e o contemporâneo: uma análise da *Hq Medeia* (2014), de Mariana Waechter

Vitória da Silva Pereira (graduanda -UFF/Faperj)
Orientadora: Renata Cazarini de Freitas (UFF)

Medeia (2014), de Mariana Waechter, constitui uma releitura contemporânea do mito clássico em formato de arte sequencial, reinventando a princesa da Cólquida em contexto urbano brasileiro, marcado por tensões sociais, violência estatal e processo de marginalização. Na tragédia de Eurípides, do século V AEC, Medeia é apresentada como uma personagem marcada por sua condição de mulher e estrangeira, além de sua notável habilidade



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

retórica e capacidade de argumentação, qualidades que também aparecem nas representações de Ovídio e Sêneca. Ovídio, autor do final do século I AEC e início do século I EC, no livro VII das Metamorfoses, destaca o poder mágico de Medeia, capaz tanto de restaurar quanto de retirar a vida, como apresentado no excerto do rejuvenescimento frustrado de Pélias, sendo retomado por Mariana Waechter e representado na HQ como símbolo das duas faces do dom da personagem. Sêneca, em I EC, transforma Medeia em força desestabilizadora de nível quase divino, cuja ação, em resgate de si mesma, culmina em sua apoteose, elemento também retomado por Waechter. A adaptação se aproxima da noção de intervenção proposta por Hardwick, em *Reception Studies* (2003), ao produzir uma crítica política e social da sociedade contemporânea na reconfiguração da fonte clássica. O cidadão marginalizado é enfatizado como alvo, e a quadrinista expõe uma realidade excludente: a ação do Estado de gerar medo para se criar ordem. Nesse contexto, a construção do discurso do terrorismo é central, funcionando como meio de atingir a mente humana de forma violenta, como método de controle. Dessa forma, em *Medeia* (2014), a quadrinista utiliza o mito para denunciar a opressão. A obra é analisada com base nos Estudos de Recepção dos Clássicos, sob a perspectiva de Lorna. Assim, investiga-se o diálogo contínuo entre o presente e o passado, entendendo que Waechter transpõe o conteúdo clássico de um meio para outro em poética muda, isto é, sem balões de fala, articulando as fontes antigas à linguagem multimodal dos quadrinhos. Dessa forma, busca-se compreender como os modelos clássicos são reconfigurados na HQ e produzem novos significados para uma personagem que continua a desafiar limites em diferentes contextos. A pesquisa faz parte do projeto de iniciação científica intitulado “A poética feminina na tradução de HQs como recepção da mitologia antiga”, com bolsa Faperj na Universidade Federal Fluminense (UFF), sob orientação da Prof.a Dra. Renata Cazarini de Freitas.



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Palavras-chave: estudos de recepção dos Clássicos, história em quadrinhos, Medeia.

A imitação de Virgílio na écloga *Albano*, de Cláudio Manuel da Costa

Danilo Carvalho Bussolar (graduando – Letras/UFES)
Orientadora: Profa. Dra. Luiza Helena Rodrigues de Abreu
Carvalho (UFES)

Esta comunicação apresenta os expedientes poéticos e retóricos de Cláudio Manuel da Costa, poeta neoclássico brasileiro, na sua terceira écloga, *Albano*, dedicada a Sebastião José de Carvalho e Melo. Nesse poema encomiástico, dedicado a louvar o ministro português pela pacificação da Guerra dos Sete Anos (1756-1763), o poeta de Mariana imita as éclogas I e IV de Virgílio, conforme explica na epístola dedicatória que precede a obra. A imitação é um processo fundamental da poesia setecentista, de que a écloga *Albano* faz parte, na medida em que o poeta cria seu poema a partir de um modelo consolidado – no caso de *Albano*, especialmente Virgílio e Camões, autoridades representativas das tradições poéticas latina e portuguesa, respectivamente. O objetivo principal é demonstrar a permanência de formas, temas, figuras e elocuições poéticas clássicas na obra do árcade mineiro, mediadas pelas preceptivas da poesia setecentista no Brasil e em Portugal. Para isso, foram considerados os discursos sobre a imitação nesse contexto poético, incluindo o próprio discurso introdutório de Cláudio Manuel ao poema. A análise da obra demonstrou uma grande filiação às éclogas de Virgílio mencionadas, tanto pela forma de organização do discurso poético quanto pela retomada de imagens e figuras usadas pelo poeta mantuano, como a grande crise entre os pastores causada pela instabilidade política, a ida de um dos pastores à capital e seu encontro com o governante, a volta desse



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

mesmo pastor para contar ao companheiro aquilo que viu na capital, a divinização do governante benévolo, a "era de ouro" trazida pelas boas ações do governante e a imagem do carvalho duro produzindo mel.

Palavras-chave: Cláudio Manuel da Costa, écloga, Virgílio, imitação.

Sessão 5:

Releituras Ovidianas e Míticas: Transidentidades, Conflitos Geológicos e a Tradição dos Asterismos

Sálmacis e hermafrodito nas *Metamorfoses*, de Ovídio: uma leitura sobre transgeneridade na Antiguidade Clássica

Ana Beatriz Paschoal Ferreira da Silva (graduanda em Letras
UFJF)

Orientadora: Profa. Dra. Carol Martins da Rocha (UFJF)

A presente comunicação apresenta resultados iniciais de projeto de Iniciação Científica, desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Iniciação Científica da UFJF. Tal pesquisa propõe tradução e análise dos versos envolvendo Sálmacis e Hermafrodito, narrado no livro IV das *Metamorfoses* de Ovídio (v. 274-388), a partir de uma perspectiva voltada aos estudos de gênero e às possibilidades de compreensão de questões de identidade de gênero na Antiguidade clássica. Neste episódio narra-se que a ninfa Sálmacis, desejando unir-se a um belo jovem, suplica aos deuses que seus corpos permaneçam fundidos em uma única forma. Tendo seu pedido atendido, Sálmacis funde-se com o jovem, que passa a ter características femininas e masculinas num só corpo. Dado seu conteúdo, tal mito constitui uma relevante narrativa do repertório greco-romano para a discussão de conceitos como corpo, identidade



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

e sexualidade. A partir da tradução do texto latino, esta pesquisa busca observar como Ovídio constrói literariamente a transformação de Hermafrodito, explorando elementos narrativos como a descrição corporal da personagem, a linguagem da metamorfose e a representação de tensões entre desejo, autonomia, violência e imposição da mudança. Assim, o trabalho investiga de que maneira rever o mito de Hermafrodito pode contribuir para reflexões contemporâneas sobre corpos que desafiam classificações binárias e sobre as formas como a literatura antiga representou experiências de ambiguidade e transformação. Dessa maneira, a pesquisa contribui para os Estudos Clássicos ao propor uma leitura que articula filologia, tradução e teoria de gênero, trazendo novas possibilidades de interpretação dos textos antigos e questionando perspectivas tradicionalmente fixas sobre identidade e corpo na Antiguidade.

Palavras-chave: Antiguidade, hermafrodito, Metamorfoses, Ovídio, transgeneridade.

No meio do caminho tinha uma pedra: notas de tradução para o Geomito de Tifeu nas *Metamorfoses*

Alice Viellas Carioca Passerone (graduanda – Letras Latim/
UFF/CNPq)

Orientadora: Renata Cazarini de Freitas (UFF)

Na obra *Metamorfoses*, do poeta latino Ovídio, são recorrentes as referências a espaços geográficos familiares ao público antigo, mas frequentemente opacos ao leitor contemporâneo, tornando o uso de recursos paratextuais fundamental para a explicitação de elementos culturais que não se mantêm transparentes na língua de chegada. A partir disso, esta comunicação propõe uma reflexão sobre o tratamento desses itens culturais específicos na tradução de textos



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

clássicos, com foco na elaboração de notas para um excerto do Livro V das *Metamorfoses* de Ovídio (vv. 341–437). No excerto analisado, a narrativa de Tifeu aprisionado sob a Sicília insere-se em uma tradição etiológica que relaciona a configuração da paisagem a eventos míticos, ao mesmo tempo em que oferece uma explicação para a intensa atividade vulcânica da região. Nesse sentido, destaca-se a noção de geomitologia, conceito desenvolvido por Dorothy Vitaliano em 1968 para designar narrativas míticas por meio das quais comunidades antigas buscavam explicar terremotos, erupções vulcânicas, formações rochosas e outros fenômenos naturais. Nesse contexto, a presença do gigante sob a Sicília não apenas justifica a atividade vulcânica e a organização topográfica da ilha, como também evidencia a estreita articulação entre geografia e o mito presente na obra, revelando que as referências geográficas encontradas na poesia ovidiana ultrapassam a função meramente descritiva. Sua tradução exige, assim, estratégias de mediação que frequentemente extrapolam os limites do texto traduzido. Para enfrentar esse desafio, adotamos a proposta de “tradução espessa” (*thick translation*) de Kwame Anthony Appiah (1993), segundo a qual notas de tradução e outros elementos paratextuais desempenham papel fundamental na contextualização cultural da obra traduzida. Além disso, considerando o caráter fortemente imagético das descrições ovidianas, investigamos a possibilidade de complementar as notas de tradução com recursos visuais produzidos com o auxílio de inteligência artificial, de modo a favorecer a visualização de determinados elementos descritos na narrativa. Busca-se, assim, apresentar uma proposta de elaboração de notas de tradução e outros recursos paratextuais que permitam descortinar, para o leitor contemporâneo, os horizontes interpretativos que permeiam a poesia de Ovídio. A pesquisa apresentada neste resumo é desenvolvida no âmbito do projeto de iniciação científica “Experimento de tradução de poesia romana antiga sob a ótica dos Estudos Críticos de Recepção dos Clássicos”,



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

com bolsa PIBIC/CNPq na Universidade Federal Fluminense (UFF), sob orientação da Profa. Dra. Renata Cazarini de Freitas.

Palavras-chave: estudos clássicos, geomitologia, Ovídio, topografia, tradução.

A metamorfose de Ífis: leitura de uma experiência transgênero

Sam Macedo Paes Linhares Martins (graduando –
Letras/UFJF/CAPES)

Orientadora: Profa. Dra. Carol Martins da Rocha (UFJF)

Esta comunicação apresenta resultados de uma pesquisa de Iniciação Científica ainda em desenvolvimento. O projeto *Construindo uma transantologia greco-latina (II)* vincula-se a um projeto maior, intitulado *TransAntologia: uma antologia de textos para pensar transidentidades no mundo AntigO*, que tem como objetivo apresentar uma tradução anotada, seguida de comentário, de textos da literatura greco-romana que possam, de alguma maneira, dialogar e contribuir para a discussão sobre a identidade de gênero na antiguidade e na contemporaneidade. O trabalho apresentado nesta comunicação tem foco específico no episódio em que se narra a metamorfose de Ífis, no Livro IX das Metamorfoses de Ovídio (v. 666-797). Ali o poeta narra a transformação de Ífis, que, apesar de suas características físicas femininas, é criado como homem e, por isso, percebido pela sociedade como uma pessoa do sexo masculino. O jovem, que se apaixona por Iante, uma mulher, passa por uma transformação divina que, na descrição ovidiana, reconfigura seu corpo para corresponder ao que se espera de um corpo masculino. Assim, sua paixão e desejo por Iante passa a ser lícito, sendo permitido então o casamento entre os jovens. Dada a presença de questões relacionadas à identidade de gênero nesta passagem das Metamorfoses, o mito de Ífis costuma comparecer nas discussões



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

dedicadas ao tema. Tendo isso em vista, em nossa comunicação, serão discutidas passagens da nossa tradução do episódio, que vem acompanhada de notas que visam discutir decisões tradutórias e ressaltar aspectos do texto considerados relevantes, como figuras de linguagem, marcadores de gênero e outras questões linguísticas da construção da identidade de Ífis. Discutiremos ainda questões abordadas no comentário que acompanha a tradução em que procuramos discutir de que formas se pode associar e diferenciar a experiência narrada no mito latino da vivência de pessoas transgênero na sociedade contemporânea. Entre os aspectos analisados estão o papel da criação de Ífis na sua identidade de gênero (e sexual) e sua não conformidade com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento, sua percepção sobre a natureza e o que julga ser um "sofrimento antinatural", sua relação com o próprio corpo e as características corporais descritas durante sua transformação. O comentário considera ainda diferentes interpretações acadêmicas do episódio e também propõe refletir sobre os benefícios e os limites de uma leitura queer do mito.

Palavras-chave: Ífis, Metamorfoses, Ovídio, transgeneridade.

Mitologia do conflito e astronomia: asterismos e catasterismos

Laiene Silva de Souza (graduada em Letras-Português –
UFJF/King's College London)

Orientadora: Profa. Dra. Charlene Martins Miotti (UFJF)

A presente comunicação tem como objetivo apresentar o trabalho desenvolvido pelo projeto de extensão *Mitologia do Conflito e Astronomia* (Edital ProEx 10/2022, orientado pela Profa. Dra. Charlene Miotti), iniciativa que, fruto da parceria entre pesquisadores do King's College London, da Faculdade de Letras, do Centro de Ciências e do Instituto de Artes e Design da



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), tornou possível a comunhão entre Literatura, Música e Astronomia. Olhar para o céu sempre foi, também, uma forma de compreender a experiência humana! Quando observamos as estrelas por meio dos mitos antigos, descobrimos no céu noturno um dos maiores livros de história da humanidade, no qual os deuses e heróis projetados nas constelações são o espelho dos nossos próprios conflitos terrenos. Muito antes de se tornarem objeto da astronomia e da ciência moderna, diferentes povos já reconheciam, entre os agrupamentos estelares, figuras que preservam memórias, valores e conflitos por meio das narrativas mitológicas. Assim, se os asterismos organizam o céu em imagens, os catasterismos – preservados sobretudo nas obras atribuídas a Eratóstenes e Higino – as transformam em narrativas, convertendo o firmamento em um espaço de encontro entre observação, cultura e imaginação. É neste cenário que surge o projeto “Mitologia do Conflito e Astronomia”, movido pelo desejo de aproximar estudos clássicos, educação e divulgação científica. Sob essa perspectiva, compreendemos os mitos como ferramentas pedagógicas capazes de despertar a curiosidade, estimular o pensamento crítico e favorecer discussões sobre temas importantes que permanecem atuais na vida em sociedade. Para isso, o projeto estruturou-se na produção de 13 roteiros cinematográficos a respeito das Constelações do Zodíaco (incluindo a de Ofiúco ou Serpentário, o 13 signo), fundamentados nas fontes literárias antigas que deram origem aos seus nomes. Tais roteiros serviram de base para a preparação de vídeos em 3D destinados à exibição no domo do Planetário do Centro de Ciências, além do desenvolvimento de materiais paradidáticos e atividades extensionistas voltadas à educação básica e ao público em geral, disponíveis no e-book *Zodiakós: mitologia e astronomia*. Mais do que divulgar conhecimento, a iniciativa reafirma que democratizar o acesso a estes saberes também significa criar espaços para que diferentes públicos compreendam o céu para além de um objeto físico a ser observado, como parte de uma herança cultural e científica a ser lida. Desse



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

modo, utilizando o planetário como espaço de divulgação, a universidade ultrapassa a mera produção de conhecimento, criando pontes para que ele circule, dialogue com a sociedade e ganhe novos sentidos, afinal, compreender as estrelas é também compreender as histórias que a humanidade contou sobre si mesma.

Palavras-chave: astronomia, conflito, cultura popular, Higino, mitologia.

Sessão 6:

A Sobrevivência dos Clássicos: Reescritas Antigas na Literatura e na Cultura Moderna

Entre banquetes e penicos: ecos da sátira latina em *Vbu Roi* e *Vbu Enchaîné*, de Alfred Jarry

Catherine Gecils (mestranda – Estudos Literários/UFJF/CAPES)
Orientador: Prof. Dr. Thiago Mattos de Oliveira (UFJF)

Fruto do diálogo entre a disciplina *Tópicos de Literatura Latina: Sátira*, ministrada pela Profa. Dra. Charlene Martins Miotti e a pesquisa de mestrado orientada pelo Prof. Dr. Thiago Mattos de Oliveira, este estudo investiga as relações entre *Ubu Roi* (1896) e *Ubu enchaîné* (1900), de Alfred Jarry (1873 - 1907), com a sátira latina, em especial a *Cena Trimalchionis*, do Satyricon, de Petrônio (27-66 EC). Encenada pela primeira vez em Paris em 1896, *Ubu Roi* é considerada pela crítica especializada como "origem direta, seja literária, seja cênica, do Teatro do Absurdo" (Esslin, 2018 [1961], p. 395) e frequentemente aproximada da dramaturgia shakespeariana, principalmente de *Macbeth* (Carpeaux, 1972; Fernandes, 2007). Observa-se, na obra de Jarry, procedimentos característicos da tradição satírica romana, como a mistura de registros elevados e vulgares, o rebaixamento paródico, a centralidade do corpo e dos



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

apetites, a escatologia e o exagero grotesco. Entretanto, o termo “sátira”, no que se refere à produção jarryana, apesar de recorrente em prefácios, artigos acadêmicos e materiais de divulgação dedicados à encenação (Carpeaux, 1972; Fernandes, 2007; Gecils, 2026), ocorre sem que se explicitem os mecanismos literários e formais que sustentem essa classificação. Assim, o estudo objetiva, partindo de uma perspectiva comparada (Auerbach, 2012), expandir a compreensão do termo, em Jarry, de uma definição genérica para uma aproximação com a tradição da sátira latina, gênero marcado pela crítica aos vícios e costumes da sociedade romana por meio do humor, ironia e agressividade (Bianchet, 2002, 2004), da mistura temática e formal, e do trânsito entre o sério e o cômico, além da incorporação de diferentes registros discursivos (Oliveira, 2014). Ademais, além das afinidades estruturais e temáticas presentes em *Ubu Roi*, constata-se que *Ubu enchaîné*, peça menos estudada pela crítica (Behar, 1971), também apresenta paralelos com o imaginário e a estética grotesca do *Satyricon*. Entre eles, destacamos as referências ao universo urinário e escatológico, a animalização, sugerida pela inscrição “cave canem”, retomada por Jarry em “cuidado com o cão”, bem como as relações de dominação e submissão, inclusive sexual, que remetem à narrativa de Petronio. O jogo entre elevado e vulgar, comum aos dois autores, está presente tanto na linguagem como na alusão a penicos e seus usos em meio a banquetes de iguarias duvidosas; na presença das doze garrafas em *Ubu enchaîné*, que remete às ânforas e à bandeja dos doze signos da *Cena Trimalchionis*; ou, ainda, na marcha descompassada “com o pé direito” dos homens livres, que ecoa a entrada dos convivas no banquete de Trimalquião. Além disso, o prazer de Ubu na própria servidão pode ser aproximado da figura de Gitão, alguém que “exercia com prazer a sua função de servo”. Como resultado, este estudo demonstra como Jarry mobiliza procedimentos formais e temáticos característicos da tradição satírica latina para construir uma dramaturgia crítica e disruptiva,



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

permeada por heterogeneidade de registros, excesso, violência e degradação burlesca.

Palavras-chave: Alfred Jarry, sátira latina, Satyricon, Ubu enchaîné, Ubu Roi.

As muitas camadas de *Medeia*: tradição, recepção e reescritas

Profa. Dra. Laura Ribeiro da Silveira (UFES)

Esta comunicação é motivada pela presença constante de *Medeia* no ocidente contemporâneo. Personagem multifacetada desde a Antiguidade grega e romana, presente na literatura ocidental a partir de Hesíodo, teve tantas caracterizações quantas foram suas apresentações ao longo do tempo, de princesa feiticeira poderosa a infanticida abandonada pelo marido, numa sobreposição de camadas às vezes conflitantes na sua construção. Nosso objetivo aqui é mostrar como o século XXI desvela outras *Medeias* enquanto atualiza contextos, personagens e enredos. Cada autor(a) viu e vê a *Medeia* que dialoga com seu tempo e lugar, e é isso que destacamos neste trabalho, a partir do levantamento e da caracterização de algumas *Medeias* contemporâneas, oriundas do drama, da performance e do romance, em cotejo com a tradição clássica. Nesse sentido, nosso percurso inclui os gregos Apolônio de Rodes e Eurípedes e os romanos Ovídio e Sêneca na caracterização antiga de *Medeia*; Zemaria Pinto e Luciana Lyra, na dramaturgia brasileira atualizada sobre *Medeia*; Rosie Hewlett e Natalie Haynes, no romance anglófono contemporâneo, cujas releituras narram o mito a partir de perspectivas femininas e feministas. Nosso aparato teórico contém os ensaios recolhidos por Klauss e Johnston (1997) e os capítulos organizados por Bartel e Simon (2010), além de Martindale e Hardwick, sobre a recepção dos clássicos, Theodorakopoulos, Zajko e Leonard, sobre leituras



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

femininas/feministas da tradição clássica. Ao evidenciar a pluralidade de releituras produzidas no século XXI, demonstramos que Medeia permanece como uma das figuras mais férteis da tradição clássica, justamente porque resiste a qualquer caracterização definitiva. As recepções contemporâneas não apenas atualizam o mito, mas interrogam criticamente a herança clássica, deslocando o foco da infanticida para a estrangeira, a mulher (inclusive latina), a feiticeira (mas também a bruxa medieval), a vítima e a agente de sua própria história. Assim, mais do que assegurar a sobrevivência de Medeia, essas recriações revelam a vitalidade da tradição clássica como espaço permanente de negociação de sentidos, no qual cada época encontra novas perguntas para um mito que nunca cessa de ser reescrito.

Palavras-chave: drama, Medeia, recepção, romance, tradição.

Helena de Troia e... o casamento e o Superman: diálogos de adaptação entre a sétima e a nona arte

Prof. Dr. Beethoven Alvarez (UFF/CNPq)

A adaptação da personagem Helena de Troia no longa-metragem *A Odisseia* de Christopher Nolan (2026), interpretada pela atriz Lupita Nyong'o, gerou grande polêmica nas redes sociais e na mídia especializada. O filme foi acusado de tentativa de agradar a pautas progressistas (*woke pandering*) e de veículo para a ideologia feminista moderna. Christopher Nolan, que também foi produtor d'*O Homem de Aço* (Snyder, 2012), é conhecido por suas adaptações de quadrinhos, basta lembrar de sua trilogia de Batman (2005, 2008, 2012). Assim, me recordo que Helena de Troia já aparecera nas revistinhas do Superman da década de 1960, numa versão bastante diferente da Helena de 2026. Nesta comunicação, pretendo discutir a aparição de Helena de Troia na história *Superman's Super-Courtship*



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

(ou *When Supergirl Played Cupid*), em *Action Comics* #289 (junho/1962), publicada no Brasil em *Superman* #2 (3ª Série), em junho de 1964, pela falecida editora Ebal. Na imaginativa historieta de 12 páginas, com roteiro de Siegel e arte de Mooney, traduzida no Brasil como “A Supernoiva do Super-Homem”, a prima de Kal-El, a Supermoça viaja no tempo para fazer Superman se casar, e a primeira pretendente procurada é Helena de Troia, que ainda participa de outras duas histórias do azulão: em 1949 (*Action Comics* #133) e 1964 (*Superman’s Girlfriend Lois Lane* #48), em que é retratada como par amoroso do kriptoniano e rival de Lois Lane. A partir da comparação entre essas histórias em quadrinhos e a recente adaptação cinematográfica, pretendo demonstrar como a representação de Helena nas HQs da Era de Prata refletia uma concepção marcadamente patriarcal: mesmo sendo apresentada como a mulher mais bela e perfeita da Antiguidade, sua função narrativa restringia-se quase exclusivamente à de potencial esposa ou parceira romântica do protagonista masculino. Argumento que essa construção reforça estereótipos de gênero característicos do contexto cultural dos anos 1950 e 1960, ao passo que a releitura de Nolan parece buscar uma maior autonomia da personagem, o que ajuda a explicar parte das controvérsias em torno de sua recepção contemporânea. A análise será orientada pelos estudos de recepção clássica (Hardwick, 2003; Hardwick & Stray, 2008), pela historiografia de recepção de Helena (Blondell, 2013) e pelos estudos sobre representação feminina nos quadrinhos (Madrid, 2009; Cocca, 2016).

Palavras-chave: recepção clássica, Helena de Troia, história em quadrinhos, cinema, super-heróis



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

A caracterização de figuras mitológicas em *A Wonder Book For Girls And Boys* de Nathaniel Hawthorne

Matheus Pinheiro de Souza (graduando – Letras
Inglês/UFJF/PIBIC).

Coautoria: Lucas Lima Reis (graduando – Letras Inglês/UFJF)

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Alves Magaldi (UFJF)

O presente trabalho integra o projeto de iniciação científica *Tradução comentada, mitologia e reescrita*, sob orientação da professora Carolina Magaldi, e tem como objetivo analisar a caracterização de figuras mitológicas na obra *A Wonder Book for Girls and Boys*, de Nathaniel Hawthorne. Publicado em 1851, o livro reúne seis contos reescritos a partir de narrativas da mitologia greco-romana, adaptadas pelo autor ao contexto anglófono. Com o propósito de incentivar a leitura e o contato com obras clássicas, Hawthorne também cria um mediador para as narrativas: o narrador ficcional Eustace Bright, um universitário que leva seu interesse pelo conhecimento à sua região natal e interage com crianças ficcionais, cujas reações às histórias demonstram a incorporação dessas narrativas à sua maneira de compreender o mundo. As narrativas-base são elaboradas a partir dos personagens mitológicos Medusa, Midas, Pandora, Hércules, Hermes e Quimera. Ao longo das adaptações, observa-se uma preocupação com o contexto puritano da época, evidenciada, por exemplo, pela supressão dos nomes dos deuses greco-romanos, pela substituição desses nomes por outros criados pelo autor, pelo acréscimo ou retirada de personagens e por alterações em suas representações, como ocorre com Pandora e Epimeteu, representados como crianças em um dos contos. A partir da categorização das mudanças e manutenções na caracterização e denominação dos personagens mitológicos, em comparação com a obra *Dicionário de mitologia grega e latina* de Pierre Grimal esperamos aprofundar a compreensão a respeito do trabalho empreendido por Hawthorne, bem como contribuir para as



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

discussões acerca do universo de reescritas, na conceituação de Lefevere (1992), em especial aquelas elaboradas para o público infanto-juvenil.

Palavras-chave: *A Wonder book for Girls and Boys*, mitologia; reescrita; Nathaniel Hawthorne; romantismo.

Sessão 7:

A comicidade em Poggio Bracciolini e Nivardus de Ghent: tradução, teoria e análise

Reflexões sobre a tradução do humor nas *Facetiae* de Poggio Bracciolini

Ana Clara Vizeu Lopes (doutoranda – Estudos
Literários/UFJF/CAPES)

Coautoria: Raphaella Nasser Rodrigues (doutoranda –
Linguística/UFJF)

Este trabalho tem como objetivo investigar os desafios envolvidos na tradução de textos humorísticos do latim para o português brasileiro, tomando como base a experiência de tradução de anedotas selecionadas das *Facetiae* de Poggio Bracciolini. Escrita entre 1438 e 1452, a coletânea é composta majoritariamente por narrativas curtas de caráter cômico-satírico que empregam uma variedade de recursos humorísticos – como ironia, ambiguidade e duplo sentido –, cuja eficácia está intimamente ligada a elementos linguísticos e culturais específicos. A partir da análise de casos de tradução especialmente desafiadores, o estudo busca identificar as principais dificuldades no transporte desses efeitos para o português, examinando em que medida o humor do texto de partida pode ser preservado, adaptado ou recriado. Para tanto, o trabalho fundamenta-se primordialmente nos estudos de Marta Rosas (2002)



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

sobre a tradução do humor, concebida por ela como um processo de recriação orientado para a produção de efeitos. Além disso, a análise dialoga também com as contribuições de Paulo Henriques Britto (2012) e Lawrence Venuti (2021) a respeito da correspondência funcional na tradução literária e do papel do tradutor, além de recorrer às reflexões sobre o riso de Henri Bergson (2018) e Sírío Possenti (1998). Com base nesse aporte teórico e na análise do texto de Bracciolini, a tradução é abordada não como uma mera transferência de conteúdo, e sim como uma prática inerentemente interpretativa e criativa, voltada à reconstrução de efeitos entre contextos culturalmente díspares.

Palavras-chave: tradução, *Facetiae*, Poggio Bracciolini, literatura latina

A tradução do humor nas *Facetiae* 42, 49, 60, 84, 85 e 111 de Poggio Bracciolini

i

Ana Beatriz Paschoal Ferreira da Silva (graduanda –
Letras/UFJF)

Coautoria: Gabriela Toldo Cortez (graduanda – Letras/UFJF)

Orientadora: Profa. Dra. Charlene Martins Miotti (UFJF)

A presente comunicação apresenta resultados de pesquisa dedicada à tradução comentada de seis *facetiae* (42, 49, 60, 84, 85 e 111) de Poggio Bracciolini, pertencentes à coletânea *Facetiae* ou *Liber Facietiarum*, escrita entre 1482 e 1485. O trabalho toma como base a edição latina publicada por William Shepherd, no primeiro volume de *The Facetiae or Jocose Tales of Poggio* (1879), e seleciona, dentre as diversas temáticas da obra, narrativas que abordam as relações de gênero no matrimônio. A partir da tradução dos textos latinos, a pesquisa busca investigar os desafios envolvidos na tradução do humor, observando de que maneira recursos linguísticos, estilísticos



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

e culturais contribuem para a construção do efeito cômico. As traduções procuram preservar características do texto-fonte, como figuras de linguagem e vocabulário empregados por Bracciolini, ao mesmo tempo em que adaptam determinadas expressões ao contexto contemporâneo, favorecendo a recepção do humor pelo leitor atual. Além da tradução, o trabalho analisa os mecanismos de funcionamento do humor em perspectiva tradutória, tomando como referência o conceito de gatilho (script) proposto por Marta Rosas (2002), entendido como o conjunto de conhecimentos que orienta o leitor na interpretação da piada. Considerando que o humor se transforma de acordo com fatores históricos, culturais e sociais, a pesquisa investiga como a transposição das *facetiae* para o português contemporâneo pode afetar seus efeitos cômicos e críticos, bem como as estratégias empregadas para minimizar essas perdas. Nesse sentido, observa-se que, embora determinados elementos dependam do contexto de produção da obra, as narrativas preservam seu caráter subversivo ao questionarem papéis de gênero e expectativas sobre o comportamento masculino e feminino, evidenciando a permanência de scripts capazes de provocar o riso. Dessa maneira, o trabalho contribui para os Estudos Clássicos ao oferecer traduções inéditas dessas *facetiae* para a língua portuguesa e ao propor uma reflexão sobre a tradução do humor como prática que articula aspectos linguísticos, culturais e históricos. Ao ampliar o acesso à obra de Poggio Bracciolini, a pesquisa evidencia o potencial do humor como instrumento de crítica social e amplia as possibilidades de interpretação e recepção de textos latinos renascentistas.

Palavras-chave: *facetiae*, humor, Poggio Bracciolini, tradução.



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

O humor nas *Facetiae* de Poggio Bracciolini à luz do pensamento de Quintiliano

Laura Prates Bellozi Monteiro (graduanda – Letras Port.-
Clássicas/UFJF)

Coautoria: Maria Clara Ferreira de Castro Gama (graduanda –
Letras Port.- Clássicas/UFJF)

Orientadora: Profa. Dra. Charlene Martins Miotti (UFJF)

Este trabalho apresenta a tradução inédita do latim para o português brasileiro de três *Facetiae* (“Facécias”, em tradução nossa), de Poggio Bracciolini, acompanhada de uma análise do humor operante em cada uma delas. A fundamentação teórica para o exame do risível ancora-se no tratado *De risu*, de Quintiliano, integrante de sua *Institutio Oratoria*. A partir desse escopo, buscou-se compreender as dinâmicas e a natureza do humor na transição do pensamento Antigo para a Idade Média, mapeando as permanências, semelhanças e rupturas na recepção dessas piadas ao longo do tempo. Ademais, a pesquisa promove uma reflexão crítica e diacrônica acerca dos estereótipos de gênero, investigando como a figura da mulher é representada e instrumentalizada no humor de Poggio Bracciolini, confrontando tais construções com as transformações sociais contemporâneas sobre a temática e possíveis desdobramentos. No âmbito tradutório, a investigação salienta os desafios decorrentes do distanciamento estrutural e cultural entre a língua de partida e a língua de chegada. Como o escopo fundamental do processo tradutório aqui registrado é a preservação e a eficácia do efeito risível no público-alvo, a metodologia adotada mobiliza e discute os conceitos de domesticação e estrangeirização, amplamente popularizados pelo teórico Lawrence Venuti (1995). Complementarmente, recorre-se à adaptação desses mesmos conceitos direcionada para o gênero textual piada, conforme formulada pela professora Marta Rosas (2002). Desse modo, o estudo articula de forma interdisciplinar a análise cultural e os



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

estudos da tradução, demonstrando a vivacidade do gênero humorístico na literatura latina humanista, tal como sua recepção na contemporaneidade a partir dessa, sobretudo no que diz respeito à tradução e análise crítica.

Palavras-Chave: humor, latim, Poggio Bracciolini, Quintiliano, tradução.

***Ysengrimus*, de Nivardus de Ghent: tradução do primeiro e do segundo episódios e estudo literário**

Bruno Portes de Castro (graduando – Letras/UFMG)
Orientador: Prof. Dr. Matheus Trevizam (UFMG)

O objetivo desta comunicação é apresentar fragmentos de nossa tradução do latim para o português do primeiro e do segundo episódios do poema latino *Ysengrimus* (século XII), de Nivardus de Ghent, articulada a um estudo literário sobre a recepção da fábula e da épica clássicas na Idade Média. A pesquisa justifica-se pela ausência de uma tradução integral da obra para a língua portuguesa, o que constitui uma lacuna significativa nos estudos clássicos e medievais, dada a influência fundamental deste poema em autores como Goethe e Irmãos Grimm. O aparato teórico fundamenta-se nos estudos de recepção e intertextualidade (Jauss; Hardwick), cruzados à metodologia filológica de Francisco Rodríguez Adrados e aos estudos de Niklas Holzberg. Enquanto Adrados fornece o "fio de Ariadne" da métrica para reconstruir as relações entre as coleções de fábulas antigas e medievais, Holzberg contribui com a discussão sobre a natureza da fábula na Antiguidade – não considerada um gênero *per se*, mas um *exemplum* para ilustração retórica – e a análise das modificações arbitrárias sofridas pelos textos na transmissão manuscrita. Metodologicamente, o trabalho consiste na tradução direta do latim para o português, adotando o critério verso a verso



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

sem vinculação a constrações métricas fixas, e na análise comparativa dos gêneros literários que compõem o poema. A pesquisa investiga como o *Ysengrimus* hibridiza a estrutura da "épica animal" (*Tierepos*) com elementos da sátira e principalmente da fábula. Os resultados preliminares, advindos da conclusão da tradução do primeiro episódio ("O roubo do toucinho") e do progresso na do segundo ("A pescaria"), revelam que a obra opera uma expansão paródica do gênero fabular. Observa-se que Nivardus utiliza a alegoria animal e provérbios de intenção educativa para tecer uma crítica social mordaz ao clero e à nobreza do século XII, personificada na figura do "lobo-monge" Isengrim. Assim, o trabalho demonstra como o poema recepciona a tradição clássica e a subverte através de um riso sarcástico e da representação da crueldade do mundo medieval.

Palavras-chave: animais, épica, fábula, medieval, poema

Sessão 8:

Tradução e Análise Cômico-Satírica: Identidades Marginalizadas em Roma

As mulheres prostituídas na comédia latina: tradução de *Bacchides*, de Plauto

Giovanna Paiva Meggiolaro (graduanda em Letras - Línguas
Clássicas UFJF)

Orientadora: Profa. Dra. Carol Martins da Rocha (UFJF)

O presente trabalho apresenta resultados iniciais de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em desenvolvimento. O referido TCC tem como objetivo a tradução comentada de duas cenas da comédia *Báquides*, de Plauto, correspondentes à abertura (V. 35-108) e ao desfecho da peça (V. 1120-1206). A pesquisa insere-se no campo dos



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Estudos Clássicos e também dos Estudos da Tradução, articulando a prática tradutória à investigação crítica da representação feminina subalterna na comédia plautina. Considerando que as personagens femininas da tradição cômica antiga são frequentemente interpretadas a partir de tipos fixos, como no caso das cortesãs, o estudo busca investigar de que modo se configura a elaboração das personagens-tipo femininas e prostituídas em Báquides, as protagonistas homônimas, que dão nome à peça. Ao levar em consideração o fato de que suas falas, descritas como sedutoras, desempenham papel fundamental na construção da intriga, observaremos especificamente suas falas e comportamentos ao longo dessas duas cenas da peça em que as meretrizes estão no palco. A partir da análise dessas personagens, propõe-se uma tradução engajada, buscando valorizar a presença dessas mulheres na peça. Para isso, pretende-se discutir como a linguagem pode ser usada na tradução para a sobrevivência de uma obra clássica, realizando contextualizações da dualidade entre literatura e sociedade, à luz da Teoria dos Polissistemas de Even-Zohar (2000), ao analisar a literatura como ligada à cultura em que ela se insere. Além disso, utiliza-se também os conceitos de domesticação e estrangeirização, presentes em Venuti (2008 [1995]), a fim de justificar escolhas tradutórias realizadas ao longo do trecho selecionado. Desse modo, o trabalho procura contribuir para a ampliação das leituras críticas sobre a obra plautina, evidenciando a relevância das personagens femininas para a dinâmica cômica e para a compreensão das relações de gênero no contexto da literatura latina. Além disso, pretende demonstrar o potencial da tradução como instrumento de interpretação e atualização dos textos clássicos para leitores contemporâneos.

Palavras-chave: comédia, Plauto, subalternidade, tradução.



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Entre a astúcia e a sobrevivência, um subalterno: Tranião, um *seruus callidus* plautino

Raphaella Nasser Rodrigues (doutoranda –
Linguística/UFJF/FAPEMIG)

Orientadora: Profa. Dra. Carol Martins da Rocha (UFJF)

O presente trabalho apresenta resultados iniciais de pesquisa de doutorado (financiada com bolsa Fapemig) voltada à reflexão sobre a representação de grupos marginalizados na comédia *palliata*. Para isso observaremos, mais especificamente, a peça *Mostellaria* do comediógrafo Tito Mácio Plauto, com foco na personagem escravizada Tranião. Nossa atenção se volta não só para sua importância na construção do enredo, como também para a estruturação do tipo específico de escravo presente na comédia *palliata* que Tranião representa, isto é, o escravo astuto (*seruus callidus*). Nesse sentido, fundamenta nossa análise o conceito de subalternidade. Ainda que tal conceito tenha sido empregado em pesquisas dos estudos sociais e históricos, não se pode dizer o mesmo quanto àquelas desenvolvidas nas Letras Clássicas e, em especial, as que têm como objeto de estudo o texto dramático. É fato que, independentemente da aplicação deste conceito, as personagens escravizadas de Plauto sempre estiveram sobre o palco acadêmico. Para diversos teóricos, como Christopher Stace (1968), Christopher W. Marshall (2003), Kathleen McCarthy (2009) e William Fitzgerald (2019), os *serui* plautinos atuam como protagonistas dos enredos da *palliata*. Contudo, sobretudo depois dos estudos de Amy Richlin, em sua obra *Talking to Slaves in the Plautine Audience* (2014), passou-se a se dar mais atenção às características subalternas dos escravizados em Plauto, a fim de se observar aspectos que vão além de sua função na composição cômica das peças. Tendo isso em vista, nesta pesquisa, buscamos olhar o escravizado plautino por entre a coxia, isto é, sob esse ponto de vista, ele passa a ter valor não só para a estrutura cômica de



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Mostelária, mas atua enquanto um importante instrumento de destaque ao analisarmos o tal grupo marginalizado, principalmente relacionando-o a outras personagens subalternas da referida peça, a exemplo de Grumião, escravo do campo. Em outras palavras, ao focarmos em Tranião, tentamos não apenas identificar a sua relevância para o desenrolar do enredo de *Mostelária*, mas também discutir as ações da personagem enquanto elementos fundadores de uma subalternidade sobrevivente. Para isso, voltamo-nos à obra *Mostellaria*, avaliando passagens escolhidas em que é possível evidenciar características subalternas do *seruus callidus* Tranião. Além disso, ancoramo-nos no já citado estudo de Richlin (2014) acerca do teatro plautino e dos escravizados e, ainda, *Slave theater in the Roman Republic: Plautus and Popular Comedy* (2017). De modo mais geral, procuramos nos basear também em estudos que se dedicam à subalternidade e à escravidão na antiguidade.

Palavras-chave: Plauto, *Mostellaria*, subalternidade, personagens escravizadas, *serui callidi*.

Entre análise e tradução: o percurso tradutório do *Eunuchus* de Terêncio

Heloize Moreira Fortunato (doutoranda – Estudos de
Linguagem/UFF/CAPES)

Orientador: Prof. Dr. Beethoven Alvarez (UFF)

A presente comunicação tem por objetivo discorrer acerca de um recorte da pesquisa de doutorado dedicada à tradução versificada e comentada da peça *O Eunuco* do comediógrafo Terêncio (195/185-159 AEC), centrando a análise em um excerto da cena I do ato II. Apontada como a obra de maior sucesso do comediógrafo, a peça *O Eunuco* foi apresentada em 161 AEC. nos *Ludi Megalenses*, sendo considerada a mais plautina das peças de Terêncio, suscitando no



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

leitor contemporâneo questões éticas e linguísticas que ressoam desde as críticas na Antiguidade até os debates contemporâneos, sobretudo no que diz respeito às representações de gênero e de classe social. Esta apresentação propõe explorar o percurso tradutório do trecho mencionado, demonstrando o processo de análise do texto terenciano e as estratégias mobilizadas na construção do texto de chegada. Ademais, a cena que constitui nosso corpus, que é composta originalmente em septenários trocaicos, foi recriada no verso vernáculo bieptassílabo, que consiste em duas redondilhas maiores compondo seus hemistíquios. Dessa maneira, serão discutidos alguns dos procedimentos adotados ao longo da tradução da cena em língua portuguesa, como os critérios que orientaram a recriação das questões lexicais e cênicas do texto, partindo das reflexões de Richlin (2017) e de Sorscher (2021), além dos efeitos rítmicos, considerando a polimetria característica do gênero da comédia *palliata*, que desempenha papel significativo na dinâmica da ação teatral, em consonância com Alvarez (2019), Rodriguez (2020) e Fortunato (2022).

Palavras-chave: comédia romana. Terêncio. tradução em versos.

Masculinidades romanas e sátira: uma análise da sátira IX de Juvenal a partir da perspectiva de gênero

Diogo Moraes Leite (doutorando – Linguística/UNICAMP)
Orientador: Prof. Dr. Marcos Aurélio Pereira (UNICAMP)

Neste trabalho, apresentaremos uma análise da Sátira IX de Juvenal, a partir de uma tradução nossa, parte de nossa pesquisa de doutorado. A historiografia das últimas décadas consolidou a compreensão de um modelo hegemônico de masculinidade romana (*uirilitas*), idealizado e performado pela elite. Esse modelo estava fundamentado em pilares como a autodisciplina, o domínio



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

político-militar e, sobretudo, o princípio da impenetrabilidade física e moral do cidadão. A sátira IX de Juvenal apresenta um diálogo cru entre o eu poético e Névolos, um cliente (cliens) que sobrevive vendendo serviços sexuais ao seu patrono, Virrão. O texto é um campo fértil para analisarmos a construção das masculinidades romanas, na medida em que Juvenal denuncia a decadência do sistema de patronato e os desvios em relação ao ideal viril. A queixa de Névolos é econômica, ele sente que sua masculinidade foi mercantilizada por um preço vil, recebendo apenas mercadorias baratas, como capas de lã rústica, em troca de serviços extenuantes e também sexuais. Sua função envolve tanto penetrar a esposa do patrão (para garantir a Virrão os direitos legais de paternidade, o *ius parentis*) quanto ser submetido sexualmente pelo próprio patrono. Seguindo a perspectiva de Judith Butler, o humor satírico na obra funciona como uma ferramenta de reafirmação da norma através da crítica ao desvio. Ao ridicularizar a melancolia de Névolos e a efeminação de Virrão, descrito como um "avarento efeminado" (*mollis auarus*), a sátira utiliza o riso para punir o comportamento que viola as normas de gênero. O riso sobre a miséria de Névolos e a hipocrisia de Virrão serve para demarcar as fronteiras do que é ser um homem romano "de verdade".

Palavras-chaves: Juvenal, masculinidades, sátira.



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Sessão 9:

Entre o Luto, o Desejo e a Identidade: Representações e Subjetividades na Poesia Latina

Luto simbólico frente à não-morte: o *ethos* elegíaco para representação da perda afetiva

Mateus Oliveira Aredes de Paula (Mestrando – Pós-
Lit./UFMG/CAPES)

Orientadora: Profa. Dra. Heloísa Maria Moraes Moreira Penna
(UFMG)

O luto, enquanto resposta humana fundamental diante da perda, constitui um aspecto central das formas como diferentes culturas compreendem e representam a existência. Dessa forma, sendo a morte uma experiência universal, que acomete a todos sem qualquer restrição – geográfica, temporal, estamental – é compreensível que, como âmbito teórico e narrativo, esse assunto, bem como todas as suas dimensões, tenha sido e ainda seja recorrente no imaginário humano. No contexto da Antiga Roma, durante a transição de República para Império e seu estabelecimento, isto é, nos séculos I a.C. e I d.C., a morte não era vista apenas como uma inevitabilidade, mas como um tema complexo, permeado por rica tapeçaria de crenças e práticas culturais (Feldherr, 2000). Considerando a importância histórica desse período, o estudo das representações da morte na literatura da época ganha grande importância para compreensão mais profunda das mentalidades e valores que moldaram a sociedade romana (Bodel, 1999). Sendo assim, este trabalho pretende evidenciar o luto, isto é, a experiência interna e poética da perda. Esse foco, que parte do pessoal, dos sentimentos individuais dos autores, parece ser essencial para entendimento dos múltiplos estratos de significado atribuídos socialmente à morte e dos sentimentos que se seguem à sua



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

ocorrência pelos escritores romanos. No entanto, muito além da associação direta com a morte literal, ao definir o luto em seu artigo “Luto e Melancolia”, Freud (1917) propõe que seja um processo de adaptação psíquica diante da perda de um objeto amado. Essa perda, segundo ele, não se restringe à morte física, mas também inclui ausências afetivas, rupturas amorosas, transformações identitárias e até a perda de ideais ou referências culturais. Ademais, o psicanalista destaca que o luto exige uma tarefa interna dolorosa e prolongada na qual o sujeito gradualmente se separa do objeto perdido, reelaboração que não é imediata ou linear, pelo contrário, implica confronto com memórias, reorganização do mundo externo e transformação do próprio eu. Assim, a tese freudiana de que não basta que o objeto desapareça para que dele se desvencilhe, sendo necessária reconstrução interna, fornece um arcabouço conceitual essencial para analisar as experiências descritas por autores romanos, que frequentemente inscrevem na poesia a dificuldade de se desprender daquilo que lhes foi perdido. Portanto, intencionando analisar respostas de luto frente a situações em que não há morte literal de um indivíduo, esse trabalho objetiva analisar obras do gênero elegíaco, que, embora, ao longo da organização literária em Roma, tenha passado a designar sobretudo a poesia de temática erótica em dísticos elegíacos, mantém ativo o diálogo residual – a partir de sua origem grega – com o universo da morte, tanto no vocabulário quanto nas imagens e estruturas afetivas do gênero. Nesse sentido, a elegia amorosa, representada especialmente por Catulo, Ovídio, Propércio e Tibulo, frequentemente dramatiza a ausência da amada em termos que evocam a morte; a separação, o abandono e o silêncio da figura amada são representados como verdadeiros lutos simbólicos, aproximando o erotismo do espaço de sofrimento que, para Freud, constitui o núcleo da energia psíquica do enlutado.

Palavras-Chave: Luto, elegia, literatura romana clássica, perda afetiva, perda simbólica.



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Sulpícia e a elegia latina: voz, persona e subjetividade feminina

Felipe Gonçalves da Silva (Graduando – Letras Port./Clássicas
/UFJF)

Orientador: Prof. Dr. Fábio Fortes (UFJF)

Este trabalho apresenta a tradução e comentário das elegias atribuídas a Sulpícia, presentes no *Corpus Tibullianum*, e a análise da construção de uma voz poética feminina romana. A pesquisa parte da relevância histórica e literária de Sulpícia, uma das raras figuras femininas da literatura latina cuja poesia expressa desejo, subjetividade e autonomia a partir de uma perspectiva não subordinada ao olhar masculino tradicional do gênero elegíaco. O objetivo principal foi traduzir e comentar as elegias III.13 a III.18, analisando a construção de uma persona poética por meio da linguagem, da temática amorosa e da relação entre desejo, honra e identidade feminina. Adotou-se uma metodologia de tradução mais próxima do literal, buscando conservar a ordem sintática, o valor semântico e questões morfológicas do original latino. O estudo fundamentou-se em autores como Filipe (2002), Juliani (2023), Oliva Neto (2016), e Skoie (2002), comentários e traduções especializadas. A análise considerou elementos linguísticos, literários e culturais, observando especialmente o contraste entre a elegia masculina tradicional e a perspectiva apresentada por Sulpícia. As elegias analisadas articulam uma voz feminina singular na tradição latina, marcada pela afirmação do desejo, pela rejeição da dissimulação amorosa e pela crítica às expectativas sociais impostas às mulheres romanas. Além disso, observou-se que a linguagem concisa e sofisticada dos textos combina intimidade emocional e elaboração formal, reforçando sua posição como autora consciente de sua própria produção poética. Conclui-se que a obra de Sulpícia representa um importante testemunho de subjetividade feminina na Antiguidade, oferecendo amplas



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

possibilidades de estudo sobre tradução, literatura e representação da mulher na Roma antiga..

Palavras-chave: *Corpus Tibullianum*, elegia latina, sulpícia, voz feminina.

Entre o masculino e o feminino: a autocastração de Átis no poema 63 de Catulo

Isabella Guimarães Silva (graduanda – Letras Port.-
Clássicas/UFJF/FAPEMIG)

Orientadora: Profa. Dra. Carol Martins da Rocha (UFJF)

Esta comunicação apresenta resultados parciais das atividades de iniciação científica vinculadas ao projeto intitulado *TransAntologia: construindo uma antologia de textos para pensar transidentidades no mundo Antigo*, com financiamento da FAPEMIG. Nesta comunicação apresentamos uma discussão sobre o episódio mítico presente no poema 63 dos *Carmina Catulli*, no qual Átis realiza sua autoemasculação. Tal ação é tomada pelo jovem em meio a um estado de frenesi e transe provocado pela deusa Cibele, divindade de origem frígia comumente associada à natureza selvagem e à fertilidade. O resultado da castração tem impacto direto no poema, em que o gênero gramatical de Átis varia de masculino para feminino. Assim, por meio da tradução e da análise filológica e literária do poema, bem como do diálogo crítico com bibliografia secundária pertinente, este trabalho busca compreender de que maneira o gênero da personagem é caracterizado ao longo da narrativa como algo ambíguo. A nosso ver, há uma transição entre as esferas do masculino e do feminino, em que se destaca a importância das escolhas linguísticas feitas pelo poeta nessa caracterização. Contribui ainda para essa caracterização a relação entre o mito de Átis e o culto à *Magna Mater* (isto é, a Grande Mãe,



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

título romano associado a Cibele), o qual era composto principalmente por sacerdotes eunucos, isto é, indivíduos do sexo masculino castrados. Assim, a pesquisa busca analisar como essa narrativa pode nos fazer pensar sobre conceitos modernos de transgeneridade e transidentidade e também fomentar e enriquecer as discussões acadêmicas contemporâneas sobre identidade e expressão de gênero na Antiguidade Clássica.

Palavras-chave: Átis, Catulo, Cibele, transgeneridade, transidentidade.

Legens post mortem: características da subcategoria epistolar "carta de suicídio" e seus exempla nas *Heroides* de Ovídio

Luiza Diniz Araújo (doutoranda – Linguística/UFJF/CAPES)
Orientadora: Profa. Dra. Carol Martins da Rocha

A presente comunicação apresenta parte dos resultados da nossa dissertação de mestrado, na qual buscamos observar como as cartas de suicídio subvertem ou remodelam os *tópoi* comuns ao gênero epistolar, construindo, assim, uma subcategoria genérica. Para tanto, utiliza-se como *corpus* a obra *Heroides*, do poeta latino Públio Ovídio Naso, com objetivo de investigar as particularidades da escrita centrada no autoextermínio. As *Heroides*, como se sabe, constituem uma coletânea de vinte e uma cartas escritas sob a perspectiva de personagens, majoritariamente femininas, da Antiguidade Clássica. O conjunto, composto em dísticos elegíacos, divide-se tradicionalmente em duas categorias: as cartas simples (1-15) e as cartas duplas (16-21). Nas cartas duplas, ocorre uma troca epistolar entre as heroínas e seus amados, enquanto as cartas simples apresentam apenas a perspectiva feminina. Por essa razão, a fortuna crítica tendeu a definir o abandono como tema central da obra, ignorando, por vezes, as diferentes nuances presentes no



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

conjunto ovidiano. Este trabalho pretende, portanto, explorar outro viés a respeito das epístolas das heroínas: o caráter da escrita suicida – seus elementos, seus temas e suas regras internas – e como isso se traduz na obra do poeta augustano. Podem-se citar, como elementos constitutivos da subcategoria genérica “carta de suicídio”, os seguintes aspectos: 1) a marcação temporal (limiar entre vida e morte); 2) exposição das razões; 3) deslocamento da função comunicativa convencional; 4) o suicídio como tema. Tendo isso em vista, utilizaremos excertos de três epístolas simples: *Heroides* 2 (Fílis a Demofonte), *Heroides* 7 (Dido a Eneias), e *Heroides* 11 (Cânace a Macareu), tomando-se, ainda, a *Heroides* 4 (Fedra a Hipólito) como contraexemplo. Por fim, com esse objetivo, utilizam-se especialmente os trabalhos de Janet Altman (1945) e Larissa Kerr (2017), sobre epistolaridade; de Anton van Hooff (1990) e Timothy Hill (2004), sobre o suicídio na Antiguidade; e os comentários às epístolas de Howard Jacobson (1974) e Peter Knox (1996), a fim de fundamentar teoricamente o estudo.

Palavras-chave: epistolaridade; *Heroides*; suicídio.

Sessão 10

O Trágico e a Memória: Tradução, Recepção e Esquecimento

Os paratextos em traduções de obras clássicas: o caso d’*As bacantes*

João Felipe Rodrigues (doutorando – Estudos
Literários/UFJF/CAPES)

Coautoria: Ana Beatriz Pereira Ramos (mestranda – UFJF)

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Alves Magaldi (UFJF)



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Conforme aponta Abes (2023), o comentário do tradutor ainda é um gênero paratextual empregado de forma bastante “parcimoniosa”, a depender da política das próprias editoras, mas que vem progressivamente ocupando mais espaço. Tal realidade pode ser constatada, a exemplo, na edição da Zahar de *As bacantes*, tradução de Mário da Gama Kury de 1993, em que o único paratexto presente são as notas do tradutor, com um total de 38. Dessa forma, o presente estudo interessa-se em investigar a evolução da presença de paratextos em traduções de obras clássicas diacronicamente. Para tanto, foi elencando como objeto específico de estudo três traduções de *As bacantes*: de Gama Kury (1993), Trajano Vieira (2003) e Ordep Serra (2022). O recorte dos estudos clássicos dentro dos estudos tradutórios se justifica pelas práticas peculiares das traduções nessa área da literatura, como a frequente inexistência de projeto tradutório explicitado. A pesquisa foi motivada por interesse particular dos presentes pesquisadores, em âmbito de pós-graduação, a partir da interseção de reflexões sobre tradução e letras clássicas, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Carolina Alves Magaldi. O problema delineado foi: como a presença de comentários paratextuais pode impactar a recepção de uma obra, especialmente em traduções de textos clássicos? Parte-se da hipótese de que esses paratextos atuam como instrumentos de mediação entre o texto fonte e o leitor contemporâneo, aproximando este do universo histórico-cultural da Antiguidade. Nesse sentido, Ordep Serra, tradutor mais recente da peça, não apresenta a tradução como uma simples correspondência entre palavras gregas ou portuguesas; ao contrário, explicita as dificuldades, escolhas e limitações inerentes ao processo tradutório. As notas, portanto, complementam o texto traduzido ao recuperar aspectos semânticos, culturais e simbólicos. Para o embasamento teórico, serão utilizados o conceito de enquadramento narrativo – e, por extensão, enquadramento paratextual –, de Mona Baker (2006), e as reflexões acerca do comentário de tradução de Antoine Berman (1986). Também será feito usufruto do recente artigo de Brunhara (2023)



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

que estudou comparativamente as traduções da peça em tela, exceto a de Ordep Serra. Desse modo, a presente investigação se demonstra relevante tanto para a atualização dos estudos tradutórios da peça específica, quanto para a discussão macroscópica do papel dos paratextos nas obras clássicas.

Palavras-chave: *As bacantes*, Eurípides, literatura grega antiga, paratextos, tradução.

Revisitando *Antígona*: o coro de Sophie Deraspe

Thyago Lima (graduando – Letras/UFRRJ/FAPERJ)
Orientadora: Profa. Dra. Maria Fernanda Gárbero (UFRRJ)

Este trabalho parte de uma investigação de iniciação científica, com fomento pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro. O estudo tem como cerne principal uma análise comparativa entre a tragédia de Sófocles – *Antígona*, encenado por volta de 441 antes da era comum – e a sua ressonância no longa-metragem da cineasta canadense Sophie Deraspe – *Antigone*, estreado em 2019. O objetivo é analisar o papel do coro dentro do drama e a sua recepção no texto de chegada, observando assim o quanto o panorama clássico nos acena como uma interessante chave de leituras e questionamentos para as problemáticas atuais. A motivação para a atividade segue a atenção para a observação das crescentes tensões políticas, como as vistas ao redor do globo, e os usos desmedidos das forças policiais através da política de imigração – tema explorado por Sophie em seu longa –, e o quanto a peça sofocliana e o filme analisado podem indicar caminhos possíveis que apontem para os direitos humanos. A base teórica parte dos estudos da recepção da cultura greco-romana (Hardwick, 2003) e da apuração crítica da recepção (Hanink, 2017; Morales, 2021) para observar as mudanças do trágico ao longo do além do



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

tempo; para discutir sobre a função da tragédia e de seus elementos a *Poética* (Aristóteles 335-323 aec;) e a análise sobre o mito (Vidal-Naquet e Vernant, 1999) será fundamental para a discussão. Além disso, o olhar sobre as representações dos sujeitos subalternos (Spivak, 1985) também será fundamental nas discussões que serão trabalhadas.

Palavras-Chave: Antígona, o coro na atualidade, recepção trágica, violência policial.

A anatomia do pranto: transformações semânticas do sofrimento nas reconfigurações do mito de *Electra*

Maria Eduarda Vergilio Giarrante (graduanda – Letras/UNESP)
Orientador: Marco Aurelio Scarpino Rodrigues (UNESP)

As diferentes reelaborações do mito de Electra na tragédia grega oferecem um campo privilegiado para a investigação das relações entre léxico, emoção e construção dramática. Embora *Coéforas*, de Ésquilo, *Electra*, de Sófocles, e *Electra*, de Eurípides compartilhem um mesmo núcleo narrativo, cada dramaturgo constrói a experiência do sofrimento por meio de configurações semânticas particulares. Nesse contexto, a presente pesquisa investiga comparativamente os campos semânticos da dor, do luto e da aflição nas três tragédias, buscando compreender de que modo as escolhas lexicais participam da construção da personagem Electra e da transformação de sua condição de enlutada em agente da vingança. A pesquisa fundamenta-se na articulação entre filologia clássica, semântica lexical e humanidades digitais, dialogando especialmente com os estudos de Nicole Loraux sobre o lamento feminino, de Jean-Pierre Vernant e Pierre Vidal-Naquet acerca do pensamento trágico e de Froma Zeitlin sobre gênero e representação na tragédia grega. O corpus é constituído pelos textos gregos



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

disponibilizados pelo *Perseus Digital Library*, submetidos a procedimentos de extração lexical, lematização e análise de frequência. Após a normalização morfológica dos dados, os vocábulos relacionados ao sofrimento são agrupados em campos semânticos e analisados em seus contextos dramáticos. Os resultados preliminares apontam para diferentes núcleos organizadores da experiência do sofrimento: em Ésquilo, destaca-se *πένθος*, associado ao luto ritual e à memória dos Atridas; em Sófocles, sobressai *ἄλγος*, que interioriza a dor e a vincula à identidade da protagonista; em Eurípides, ganha relevo *πόνος*, ampliando o sofrimento para as esferas do esforço, da precariedade e da experiência existencial. A comparação desses núcleos semânticos sugere uma transformação progressiva do *pathos* trágico, que se desloca de uma dimensão coletiva e ritual para formas mais subjetivas e problematizadas da experiência humana. Desse modo, o estudo busca demonstrar que as variações lexicais observadas nas diferentes versões do mito refletem distintas concepções do sofrimento e da condição feminina no universo trágico grego.

Palavras-chave: Electra, semântica lexical, sofrimento, tragédia grega

A violência na linguagem de Cassandra e de Joyce Mansour: cuspir ou não na outra face?

João Víctor de Assis Silva (mestrando – Estudos
Literários/UFJF/CAPES)

Orientador: Prof. Dr. Thiago Mattos de Oliveira (UFJF)

Busco, neste trabalho, propor um diálogo entre o monólogo da personagem Cassandra na obra *Alexandra* (séc. IV-III AEC; 197-6?), de Lícfron, e a voz de alguns poemas da antologia *Déchirures* (1955), da escritora do surrealismo francês Joyce Mansour (1928-



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

1986), centrado na criação de imagens oblíquas e violentas nos dois discursos. Esta proposta é o ponto de encontro entre o artigo “Visões do sublime: uma análise da personagem mitológica Cassandra à luz dos trabalhos de Longino e Burke” (2023), fruto da disciplina “Tópico de Literatura Grega: Drama”, ministrada pela professora doutora Charlene Miotti em 2022 na UFJF, e a pesquisa em andamento intitulada “Tradução rapina: Joyce Mansour por uma postura homoerótica do traduzir”, sob a orientação do professor doutor Thiago Mattos no Mestrado do PPG Letras: Estudos Literários, também na UFJF. A sacerdotisa troiana e o eu poético mansouriano possuem a violência como um aspecto inevitável de sua existência e inseparável de sua linguagem enigmática e oblíqua, conforme dizem Trajano Vieira (2017) e Gecils e Silva (2023) a respeito do texto de Lícofron e Lemieux-Cloutier (2024) e Papalas (2013) quanto à produção de Mansour. Contudo, meu principal objetivo é analisar como a voz mansouriana se difere do discurso de Cassandra pela presença em sua poética do *humour noir* (Papalas, 2013; Lemieux-Cloutier, 2024) – o qual traduzo como “humor perverso”. É possível perceber que, enquanto a sacerdotisa mitológica “toma ciência de que aquilo que é gigante está diante dela e nada pode fazer para [...] autopreservar-se” (Gecils; Silva, 2023, p. 117), profetizando imagens representativas de seu profundo sofrimento, o eu mansouriano toma consciência da violência que o perpassa e decide contra-atacá-la, fundindo em sua linguagem a desgraça a uma ironia inconcebível a Cassandra.

Palavras-chave: Cassandra, humor perverso, Joyce Mansour, Lícofron, linguagem oblíqua.



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Sessão 11:

Ontologia, Linguagem e Discurso Falso no Pensamento Grego

Heráclito de Éfeso: vingança e justiça em *B94*

Vitor Kauan Correia Xavier (Graduando – Filosofia/UFMG)

Orientador: Prof. Dr. Teodoro Rennó Assunção (UFMG)

O presente trabalho tem por objeto a figura das Erínias (Ἐρινύες) e da justiça (δίκη [norma, costume]) no plano mitológico da poesia arcaica, bem como no plano filosófico de Heráclito. Como objetivo, pretende-se demonstrar o porquê e o modo como Heráclito utiliza as figuras de δίκη e Ἐρινύες no fragmento B94, traçando um breve comentário sobre algumas de suas ocorrências no panorama poético, visando captar seus significados, propondo uma possível continuidade semântica no uso heraclítico dos termos. Considera-se tanto a natureza mitológico-jurídica dessas figuras, quanto o fato de que o próprio Efésio faz um uso frequente de outras figuras caras à poesia arcaica em outros fragmentos, ainda que ele se coloque como opositor declarado de autores como Homero e Hesíodo. Seguindo uma leitura já consolidada de Heráclito, pretende-se ler o Efésio a partir de dois princípios metodológicos estabelecidos por Charles Kahn (2009): o da ressonância e o da densidade linguística dos fragmentos. A ressonância designa um eco que aparece de diversas formas, remetendo a imagens e temas presentes nos fragmentos. Já a densidade linguística capta todos estes ecos em uma frase ou palavra do texto. Como resultados esperados, pretende-se demonstrar: (1) uma interpretação do fragmento DK 22B94 que priorize, nas Erínias, o traço do cumprimento de um certo tipo de vingança individual, desvinculando-as de uma preocupação direta com um aspecto da ordem do cosmos em geral; (2) uma defesa de uma interpretação moral para δίκη, mas também tendo em vista o seu universo legal; e (3) a existência de uma



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

continuidade semântica destes termos, comuns à poesia, em Heráclito.

Palavra-chave: Erínias, Heráclito, justiça, vingança.

A questão do não-ser e a possibilidade do discurso falso

Igor Fernandes Lopes (doutorando – Linguística/UFJF)
Orientador: Prof. Dr. Fábio da Silva Fortes (UFJF)

Hermógenes – Eu, pelo menos, Sócrates, não conheço outra maneira de denominar com acerto as coisas pelo nome que me aprouver dar-lhes, e tu, por outro nome que lhe atribuíres. O mesmo vejo passar-se nas cidades, conferindo por vezes cada uma aos mesmos objetos nomes diferentes, que variam de Heleno para Heleno, como dos Helenos para os bárbaros. (Platão. Crátilo, 385e). O dilema proposto pelos pensamentos sobre a linguagem na antiguidade, ou seja, a relação entre o Ser e a possibilidade de expressar a falsidade por meio do logos, tem em Platão seu tratamento próprio. Esta comunicação tem por pretensão apresentar essa discussão com base nos diálogos Crátilo e O Sofista em que o autor apresenta diferentes formas de perscrutação do tema. A discussão clássica, acerca da linguagem, longe de ficar restrita ao debate grego, ressoa nos problemas semânticos e filosóficos da linguística contemporânea. A busca platônica por compreender o discurso falso antecipa questionamentos sobre as condições de verdade e os mecanismos de sentido e referência na linguagem, a dificuldade de explicar como uma sentença incorreta faz sentido sem evocar o "nada" assemelha-se aos impasses contemporâneos sobre como a língua se reporta ou não a um mundo objetivo. O suposto realismo encontrado no Crátilo de Platão seria suficiente para dar conta das demandas semânticas encontradas no texto de Saeed (2003)? A hipótese da participação expressa no Sofista,



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

estaria em consonância com uma visão de modos de apresentação de um objeto como encontrado em Frege (1892/2011)?

Palavras-chave: Platão, linguística, semântica.

A origem dos caminhos de Parmênides

Antônio Vinicius Ferreira da Fonsêca (mestrando –
Filosofia/UFMG/FAPEMIG)

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Campolina Diniz Peixoto
(UFMG)

Neste trabalho pretendemos apresentar a discussão acerca da origem da imagem dos caminhos, presente nos fragmentos 1, 2, 6, 7 e 8 do poema de Parmênides, onde um jovem é levado em uma carruagem pelo caminho (ὁδὸν) que conduz o homem que sabe (φέρει εἰδότα φῶτα) (DK28B1.2-3). É por este caminho que o jovem do poema encontrará a deusa que lhe dará os conteúdos que ele deve aprender, tanto o “intrépido coração da verdade persuasiva” quanto as “opiniões de mortais em que não há fé verdadeira” (DK28B1.29-30). Isso é pertinente quando olhamos para a sexta olímpica de Píndaro (v.22-27), onde encontramos um caminho percorrido por uma carruagem para se conhecer a linhagem do herói Hagésias e, mais fortemente, no fragmento do Peán VIIB de Píndaro, que evoca a imagem da carruagem e traz tanto a dicção poética de Parmênides como também faz referência ao caminho da sabedoria distante dos mortais e inacessível, junto com a associação do erro dos mortais com a cegueira, que também é encontrada no fragmento 6 de Parmênides (cf. Berruecos, 2019, p.136). A questão central se encontra quando buscamos definir de onde vieram as imagens dos caminhos e da carruagem, associadas a aquisição de conhecimento. Existem 3 posições principais acerca desta questão: a primeira é a de Bowra (1937), que defendeu que



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

haveria uma fonte comum, que seria um poema épico conhecido do século sexto que narraria o mito de Faetão; a segunda é a hipótese de Bernabé (2019), que propôs que o exame lexical dos textos de ambos os poetas faria uso de expressões comuns da tradição mistérica, o que pode indicar um texto fonte comum, que seria um texto órfico; a terceira posição é a de D'Alessio (1995), compartilhada por Berruecos (2019), para os quais Píndaro teria se inspirado no poema de Parmênides. Berruecos acrescenta que o texto órfico utilizado por Bernabé para o exame do léxico, por ser posterior a Parmênides, poderia ter sido influenciado por ele também e supõe que haveria ainda uma fonte mais antiga da qual Parmênides poderia ter extraído sua metáfora. Acreditamos que a terceira leitura é a mais interessante e que seria possível, a partir da observação dos cantos XI e XII da Odisseia, mostrar que a fonte de Parmênides, da qual ele teria extraído o motivo poético dos caminhos, viria da tradição homérica (cf. Mourelatos, 2008, p.1-46; Folit-Weinberg, 2022), onde encontramos Circe apresentando para Odisseu os caminhos possíveis e o modo de percorrê-los, seja para se informar com Tirésias em sua descida ao Hades, seja para enfim retornar à Ítaca.

Palavras chave: Parmênides; Píndaro; caminhos.

Lógica e sistemas formais na Antiguidade

Rodrigo Lopes Scheffer (mestrando –
Filosofia/UFJF/FAPEMIG)

Orientador: Prof. Dr. Luciano Vicente (UFJF)

O objetivo desta comunicação é apresentar e discutir alguns sistemas formais da Antiguidade Clássica, a partir de considerações sobre suas respectivas arquiteturas dedutivas, ressaltando a riqueza da lógica compreendida em duas tradições distintas: a lógica dos



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

termos e a lógica proposicional. Apresentamos nossos exemplos: Aristóteles, o pai da lógica, com a teoria do silogismo; a escola estoica, com um sistema próximo à lógica proposicional e à discussão dos condicionais por Diodoro, Filo e Crisipo. Ainda destacamos a importância do sistema geométrico de Euclides, que apesar de não ser estritamente formal, constituiu o paradigma da matemática e ciências formais com seu método de prova axiomático. Apontamos, a partir desses exemplos, o oblívio histórico a que fora relegada a lógica desenvolvida pelos estoicos, e a importância da sua redescoberta e formalização, em especial por Jan Łukasiewicz no século XX. Veremos que as formulações da lógica elaborada pelos estoicos antecipam questões posteriormente formalizadas na lógica proposicional, ramo da filosofia e da matemática contemporânea. Ainda, questionaremos os motivos pelos quais a lógica dos estoicos ficara à sombra da lógica de Aristóteles no desdobrar dos séculos. Recorreremos aos textos clássicos, sejam eles fontes primárias, como os *Primeiros Analíticos* de Aristóteles e os *Elementos* de Euclides, sejam testemunhos indiretos, como os de Sexto Empírico, Diógenes Laércio e Cícero — para o caso da reconstituição da lógica estoica. Analisaremos a formação desses sistemas formais e suas motivações, destacando as diferenças entre as lógicas então construídas em tais sistemas, pontuando distâncias e proximidades entre elas à luz da lógica contemporânea. Em resumo, constitui-se um estudo comparado entre os distintos sistemas da Antiguidade Clássica a partir de técnicas da lógica matemática contemporânea para formalização e discussão dos exemplos. Quanto à literatura contemporânea sobre a história da lógica, baseamo-nos na crítica a Carl Prantl por Łukasiewicz, em seu artigo *On the History of the Logic of Propositions*, para fundamentar os comentários técnicos sobre os temas aqui tratados. Os resultados obtidos podem ser elencados do seguinte modo: (i) a compreensão do papel dos sistemas formais na avaliação e no uso do raciocínio dedutivo na Antiguidade; (ii) a compreensão geral de disputas técnicas acerca de objetos lógicos, como a disputa



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

sobre a interpretação dos condicionais; (iii) a apresentação de algumas ideias das lógicas antigas como precursoras de sistematizações da lógica matemática originadas a partir do século XIX; (iv) o vislumbre da riqueza da Lógica enquanto disciplina na Antiguidade Clássica situada em escolas distintas; e (v) as motivações para o esquecimento de parcela significativa desse desenvolvimento e a importância hodierna de sua redescoberta.

Palavras-chave: condicionais, história da lógica, lógica estoica, silogismo, sistemas formais.

Sessão 12:

Epistolografia e Tradição: Afeto, Recepção e o Papel Feminino

Os lugares do afeto na correspondência entre Frontão e Marco Aurélio

Fabrizia Nicoli Dias (doutoranda – Estudos
Literários/UFJF/CAPES)
Profa. Dra. Charlene Martins Miotti (UFJF)

Marco Cornélio Frontão foi um orador e rétor do século II EC, a quem foi designada a formação dos príncipes antoninos, Marco Aurélio e Lúcio Vero. Especialmente com aquele, trocou uma extensa correspondência, na qual se avultam toda a sorte de demonstrações de afeto entre os interlocutores. Diante disso, o presente trabalho tem por objetivo situar o referido professor de retórica no cenário da tradição epistolar antiga. Para isso, serão identificados e discutidos lugares comuns ligados às expressões afetivas na epistolografia latina. Nesse sentido, recorreremos a Cícero, Sêneca, Plínio, o Jovem, além de tratadistas que teorizaram o gênero letrado em questão, como Demétrio e Júlio Vítor. Utilizam-se também estudos contemporâneos sobre correspondências no



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

contexto romano, como os de Pereira (2008) e Oliva Neto (2022), e comentários sobre as composições frontonianas - por exemplo, Portalupi (2013) e Elder; Mullen (2019). A partir disso, observa-se que as expressões de afeição são partes constituintes do formato retórico-programático esperado em uma missiva latina, de modo que são reconhecidas as seguintes tópicos: o anseio pela presença física do amigo, a vontade de dirimir o silêncio epistolar, a saudade do destinatário despertada por um lugar específico e, ainda, a presentificação do interlocutor mediante a materialidade da epístola. Via de regra, o que, nos autores precedentes, é um lugar comum vinculado ao remetente, Frontão desvia para o destinatário. Essa inversão embasa, em algum grau, a tentativa, reiterada nas cartas desse orador, de este se autorrepresentar como autocrata que detém uma relação privilegiada com os herdeiros do trono.

Palavras-chave: epistolografia latina, Frontão, retórica antiga.

Entre a *puella docta* e a *uxor* ideal: reconfigurações da erudição feminina nas epístolas de Plínio, o jovem

Jéssica Rodrigues de Oliveira (doutoranda – Linguística/UFJF)
Orientadora: Profa. Dra. Carol Martins da Rocha (UFJF)

Esta comunicação apresenta resultados parciais de um Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido no Bacharelado em Letras – Tradução: Línguas Clássicas da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). O estudo discute a representação da mulher romana letrada no *corpus* formado por uma seleção de epístolas de Plínio, o Jovem, dedicadas a sua esposa, Calpúrnia (*Ep.* 6.4, 6.7 e 7.5) e à tia da jovem, Calpúrnia Hispula (*Ep.* 4.19). O objetivo do estudo consiste em analisar de que modo o autor mobiliza elementos formais e temáticos da elegia amorosa latina e da tradição epistolar antiga para construir um ideal elitizado de conjugalidade, no qual a



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

participação feminina na cultura letrada é simultaneamente valorizada e subordinada à autoridade masculina. A pesquisa fundamenta-se em uma abordagem filológica, comparativa e discursiva, articulando estudos sobre epistolografia antiga, elegia romana e representações da mulher na literatura clássica. A análise demonstra que o vocabulário pliniano relativo ao afeto, à ausência, ao desejo e à formação moral, frequentemente organizado por meio de estruturas paralelísticas e contrastivas, opera na construção discursiva de Calpúrnia como *uxor* ideal. Ao longo das cartas mencionadas, procedimentos característicos da epistolografia antiga – como a presentificação da pessoa ausente, a substituição simbólica do corpo pela escrita e a releitura constante das cartas, por exemplo – convertem, a nosso ver, a textualidade em um mecanismo de administração emocional da angústia provocada pela distância amorosa. Os resultados alcançados indicam que Plínio reorganiza a tradicional figura elegíaca da *puella docta* no interior da moral romana. Embora Calpúrnia seja representada como leitora, intérprete e curadora da produção intelectual do marido, chegando a memorizar e musicalizar seus textos, sua erudição permanece subordinada ao prestígio e à projeção pública da figura masculina, funcionando principalmente como extensão afetiva e estética da figura autoral de Plínio. A correspondência conjugal absorve, assim, a gramática emocional da elegia latina – marcada pelo *desiderium*, pela inquietação e pelo ardor amoroso –, mas a reinscreve no horizonte do matrimônio legítimo, alinhado à disciplina moral romana. Nesse contexto, as cartas revelam uma tensão constante entre a participação feminina na cultura letrada e os mecanismos de legitimação masculina característicos da elite romana. As mulheres referenciadas no *corpus* participam ativamente da preservação da memória familiar, da manutenção da reputação pública e da validação da produção intelectual masculina. Sua agência, portanto, permanece atrelada ao capital simbólico masculino, sendo textualizada pela voz autoral de Plínio e mediada segundo seus interesses sociais e políticos. O epistolário pliniano



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

produz, desse modo, uma representação ambígua da mulher culta, que é simultaneamente ativa na circulação da cultura e subordinada aos mecanismos de legitimação da elite masculina romana.

Palavras-chave: conjugalidade romana, elegia amorosa latina, epistolografia romana, erudição feminina, Plínio o Jovem.

A condição feminina observada em cartas da obra *As Heróides*, de Ovídio, e a condição feminina observada em fatos atuais: uma comparação

Juliana Donadio Figueiredo Conte (graduada – Letras/UFAM)
Orientadora: Profa. Dra. Soraya Paiva Chain (UFSC)

Este trabalho, resultado de pesquisa de iniciação científica (PIBIC), sob orientação da Profa. Dra. Soraya Paiva Chain, teve como objetivo realizar uma análise comparativa entre a condição feminina apresentada nas cartas III (Briseis a Aquiles) e X (Ariadne a Teseu) da obra *As Heróides*, de Ovídio, e a condição feminina em série e filmes contemporâneos, a fim de observarmos as permanências e as rupturas sobre como a mulher é retratada e posicionada socialmente, evidenciando elementos da desigualdade de gênero que atravessam séculos. A pesquisa se fundamentou em uma abordagem comparativa que permitiu cotejar diferentes contextos históricos e culturais, a fim de revelar similitudes e contrastes nas experiências femininas da antiguidade e da contemporaneidade. Para isso, foram analisadas duas cartas da obra de Ovídio, que apresentam figuras femininas abandonadas e/ou rejeitadas por seus amados, e essas foram confrontadas com narrativas atuais (três filmes e uma série) que retratam lutas de mulheres contra estruturas patriarcais e sexistas. É válido ressaltar que, tanto a série quanto os filmes analisados, retratam histórias reais vivenciadas por mulheres, enquanto que as mulheres das cartas



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

de Ovídio, Briseis e Ariadne, são personagens mitológicas, que representam como as mulheres daquele período da história eram tratadas. Já o embasamento teórico articula autoras feministas, como Simone de Beauvoir (1970), Bell Hooks (2018), Charlotte Perkins Gilman (2018) e Carole Pateman (1993), além de Pierre Bourdieu (2002) e Hegel (2000). Esses autores ajudam a compreender como a opressão de gênero se constrói e se reproduz, fornecendo as bases analíticas para interpretar as personagens e os contextos representados nas obras selecionadas. A pesquisa se divide em duas partes. Na primeira, a carta III revela a dor de Briseis ao ser entregue a Agamenon, representando a mulher como posse masculina, sem voz e nem poder de decisão. Essa realidade é comparada aos filmes *A Voz do Empoderamento* (2022) e *Estrelas Além do Tempo* (2016). Na segunda parte, a carta X expõe o sofrimento de Ariadne, abandonada por Teseu, o que reforça a imagem da mulher frágil, traída e dependente do afeto masculino. Esse cenário é contraposto ao filme *As Sufragistas* (2015) e à série *A Vida e História de Madame C.J. Walker* (2020). As análises comparativas demonstram que, embora desafios como a exclusão, a violência e a desvalorização feminina ainda persistam, as figuras femininas contemporâneas buscam romper com a submissão e enfrentar as estruturas patriarcais que lhes negam direitos fundamentais. Assim, a diferença central entre as personagens reside na capacidade de agir sobre a própria história: Briseis e Ariadne permanecem prisioneiras do afeto e da idealização masculina, enquanto Gangubai, Katherine, Dorothy, Mary e Sarah Walker reinventam seus destinos com base na resistência e na coletividade. Concluímos que, apesar das conquistas sociais alcançadas pelas mulheres, a desigualdade de gênero ainda persiste. Contudo, a comparação entre essas mulheres mostra que, se antes o silêncio e a submissão eram impostos como destino, hoje a luta por voz, respeito e justiça é um instrumento de transformação social.



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Palavras-chave: As Heróides, comparação histórica, condição feminina, feminismo.

Carpe Diem: um olhar histórico-poético

Prof. Dr. Diogo Ballesterio Fernandes de Oliveira (UFRJ)

Fruto de desdobramentos e de partes não aproveitadas na pesquisa para doutoramento em literatura, fruto também de um projeto de pós-doutorado a respeito desse espólio de pesquisa, é que, fundamentada em uma pesquisa quantitativa e qualitativa, a presente comunicação apresentará uma leitura de análise crítica da incorporação do termo latino *carpe diem* por poetas neolatinos, demonstrando de que maneira houve um alargamento de sentido em relação ao seu uso em Horácio, mas, ao mesmo tempo, a manutenção de um diálogo permanente com o seu uso original. Dissemos ser uma pesquisa com etapa quantitativa (levantamento de textos poéticos por nacionalidade valendo-se do termo latino), mas a escolha para a comunicação oral seguiu o critério da necessidade chamada tempo, isto é, o modo de exposição será a leitura de pequenos poemas (e realmente os escolhidos foram os pequenos), com o propósito de analisar em sala o modo como o termo latino está sendo operado no poema em questão. Por base, teremos sempre o original latino como horizonte comparativo, mas as análises estarão incidindo sobre os poemas neolatinos. Para esses, apresentaremos o trecho rapidamente no original, mas focando a análise a partir de traduções para o português, com o propósito de atender todos os ouvintes da comunicação, incluindo aqueles sem o domínio em línguas estrangeiras. Por fim, havendo tempo, abriremos um espaço para debate a respeito dos desgastes e reinvenções da linguagem literária em relação a tópicos recorrentes em literatura e, também, até que ponto um texto literário é



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

realmente original em sua escrita, em sua cosmovisão veiculada, em seus tópicos filosóficos.

Palavras-chave: *carpe diem*, poesia, ressignificação, inovação.

Sessão 13:

Retórica, Linguagem e Educação: Da Antiguidade ao Medievo

O Homero de Santo Agostinho e a educação grega na Antiguidade Tardia

Prof. Dr. Fernando Adão de Sá Freitas (UFJF)

Nesta comunicação, buscamos apresentar como os relatos de Agostinho nos auxiliam a compreender o estudo dos textos homéricos na Antiguidade Tardia. A educação na Antiguidade era especialmente baseada nos textos da *Iliada* e da *Odisseia*. A reflexão sobre esse modelo educacional já se encontra destacada nas posições adotadas e apresentadas por Platão, em *Íon* e *República*, e por Aristóteles, em *Retórica* e *Poética*. A filologia helenística, desenvolvida, em grande parte, pelos trabalhos de Eratóstenes, de Cirene, Zenódoto, Aristarco, de Samos, e Aristófanes, de Bizâncio, também tiveram como modelos e objetivos centrais as obras de Homero. No contexto romano, os textos homéricos continuaram a exercer um forte papel na cultura letrada e no processo de formação escolar. A tradução da *Odisseia* para o latim por Lívio Andronico no início da República romana demonstra como, desde cedo, os latinos criaram um meio de manter a leitura e o estudo de Homero ativa. Nesse sentido, não sem precedentes, a Antiguidade Tardia parece também ter mantido os textos homéricos na base da formação escolar. Dois exemplos, que ilustram e atestam a presença de Homero na formação escolar da Antiguidade Tardia, podem ser observados nas obras de Agostinho. O primeiro encontra-se em um



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

excerto do *De rhetorica* (I, 14), no qual a figura de Odisseu é usada como um exemplo de construção do discurso retórico. O segundo exemplo, mais emblemático, aparece na famosa passagem das *Confissões* (I, xii, 19-xiv, 23), em que Agostinho narra sua predileção pelos autores latinos e sua reticência com o grego. Ensejamos, portanto, contribuir com o debate sobre o impacto e a permanência das obras homéricas no contexto pedagógico da Antiguidade Tardia.

Palavras-chave: Antiguidade Tardia, educação grega, Homero, Santo Agostinho.

As palavras, a aprendizagem e o papel do mestre no *De Magistro* de Santo Agostinho

Maria Fernanda Sacramento Vasconcelos (mestranda –
Linguística/UFJF)

Orientador: Prof. Dr. Fernando Adão de Sá Freitas (UFJF)

Este trabalho deriva de uma reflexão feita na disciplina História das Ciências da Linguagem, do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora, e se insere em nossa pesquisa de mestrado, ainda em estágio inicial de desenvolvimento, uma vez que Agostinho e suas reflexões sobre a linguagem nos interessam. Do ponto de vista teórico e metodológico, seguimos os pressupostos da Historiografia da Linguística, especialmente os princípios da contextualização e da imanência de Koerner (2014), assim como a definição da área fornecida por Swiggers (2010). Contextualmente, o *De magistro*, escrito no ano 389 d.C., contém uma investigação da relação entre linguagem, pensamento e aprendizado. A obra apresenta o diálogo entre o mestre Agostinho e seu discípulo Adeodato e, a partir do questionamento acerca do que o ser humano deseja fazer ao falar,



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

mestre e discípulo percorrem um caminho que busca compreender a linguagem, os signos, as palavras e o modo como o ser humano pode ensinar e aprender. Adeodato pensa, a princípio, que duas coisas podem ser feitas ao falar: ensinar e aprender. Agostinho, no entanto, aponta que o ser humano fala para ensinar e recordar. A questão que se debate é a de que Agostinho também aponta que o processo de aprendizagem não é exterior, mas interior, e que o professor, em certo sentido, não poderia ensinar algo diretamente ao aluno, de modo que este, na verdade, aprenderia tudo sozinho. Assim, o recorte a ser apresentado nesta comunicação consiste na tentativa de identificar, a partir de algumas passagens do diálogo, adotando para isso o princípio da imanência, como as palavras podem ensinar, como o processo de aprendizagem ocorre no interior do ser humano através da recordação e qual é o papel do mestre nesse processo. Estabelecemos, diante disso, uma relação, ainda que breve, entre as observações de Agostinho no *De magistro*, *corpus* principal, e uma pequena passagem das *Confissões* (IV, 16) em que a questão do aprendizado também é abordada. Esperamos, portanto, mostrar como o texto de Agostinho fornece reflexões importantes sobre a História da Educação na Antiguidade Tardia, bem como ilumina aspectos fundamentais acerca da História da Linguística na Antiguidade.

Palavras-chave: Agostinho, aprendizagem, *De magistro*, linguagem.

Contribuições da Retórica aristotélica para as reflexões sobre a linguagem em uso

Prof. Dr. Christiano Pereira de Almeida (UFJF)

A comunicação busca apresentar uma proposta de aproximação entre a noção de entimema (ἐνθύμημα), conforme apresentada na Retórica de Aristóteles, e a de “implícito” na argumentação (Koch;



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Elias, 2016). Para isso, será feita uma breve discussão a respeito das principais características do entimema, entendido como um silogismo retórico que pode trazer premissas implícitas, pois são assumidas como amplamente compartilhadas pela audiência a que se destinam. Essa formulação aristotélica, por sua vez, será comparada às noções de pressupostos e subentendidos (Ducrot, 1987) e de implicaturas conversacionais (Grice, 1982), a fim de oferecer uma oportunidade de refletir sobre o modo como as observações a respeito da retórica aristotélica podem contribuir para o enriquecimento de perspectivas linguísticas que se ocupam do estudo da linguagem em contextos específicos de uso. Tal estudo adota como perspectiva metodológica a investigação bibliográfica baseada nos pressupostos da Historiografia da Linguística (Swiggers, 2013; Koerner, 2014), alinhada ao tratamento filosófico e analítico dos temas abordados, tendo em vista que o horizonte de investigação engloba textos que são de fundamental importância tanto para o campo da linguística quanto para o da filosofia da linguagem, constituindo, assim, uma área de reflexão que é caracterizada intrinsecamente pela interdisciplinaridade. Como resultados desse estudo inicial, espera-se apresentar alguns delineamentos de uma pesquisa que busca estabelecer aproximações entre os campos dos estudos retórico/argumentativos e perspectivas linguísticas que se ocupam da linguagem em uso. Nesse sentido, o trabalho pretende expor as formulações iniciais desse projeto, com o objetivo de debater a relevância dessa proposta para as reflexões a respeito da linguagem em uma perspectiva de interface entre os estudos clássicos e a linguística contemporânea.

Palavras-chave: retórica, argumentação, linguística

A ontologia linguística de Tomás de Erfurt

Matheus Batista Gomes (mestrando – Filosofia/UFJF)



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Orientador: Prof. Dr. Pedro Calixto Ferreira Filho (UFJF)

A intervenção tem como objetivo apresentar a obra *Gramática Especulativa*, de Tomás de Erfurt. Para isso, será realizada uma breve contextualização do movimento modista no século XIII, seguida da exposição de seus principais conceitos e pressupostos filosófico-linguísticos. A apresentação busca evidenciar a relevância histórica e teórica desse importante movimento da filosofia medieval da linguagem.

Palavras-chave: modismo, ontologia, gramática.

Sessão 14:

Adaptação da Língua e Controle do Legado Antigo: Práticas de Tradução e Censura Institucional

A assimilação por Paládio, 'Opus Agriculturae', de Columela e Gargílio Marcial

Prof. Dr. Matheus Trevizam (UFMG)

O objetivo desta comunicação é descrever, com base na observação comparada e na análise de trechos da literatura técnica latina, como Rutilio Paládio (séc. IV d.C.) assimilou em seu tratado *Opus agriculturae* os escritos agrários anteriores da Roma Antiga. O foco do estudo recai sobre as obras de Columela (*De re rustica* séc. I d.C.) e de Gargílio Marcial (*Medicinae ex holeribus et pomis* e *De hortis*, séc. III d.C.), apontadas como as principais fontes do texto paladiano tardio (Casas, 1990, p. 13). Apesar da proximidade temática com esses modelos pregressos, a crítica (Rodríguez, 2016, p. 30; Zainaldin, 2023, p. 14) reconhece que o agrônomo não fez uma apropriação passiva. Para expressar-se de maneira clara e direta, na verdade, Paládio simplificou a prosa complexa de Columela,



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

frequentemente associada ao estilo ciceroniano (Cartelle, 2007, p. 797). Essa abordagem envolveu modificações lexicais, sintáticas e estilísticas, promovendo uma atualização do latim classicizante e uma espécie de “tradução” da variante linguística empregada originalmente no *De re rustica* (Rodríguez, 2016, p. 30). No tocante à contribuição de James L. Zainaldin (2023), o estudioso recorreu ao exame comparativo de passagens tematicamente afins entre a obra *De hortis* de Gargílio Marcial – a qual editou e anotou – e o *Opus agriculturae*. No estado de conservação em que nos chegou, o *De hortis* constitui uma preceituação contínua sobre o cultivo de quatro espécies arbóreas: marmeleiros, pessegueiros, amendoeiras e castanheiras. Esse conteúdo foi amplamente ecoado nos capítulos do tratado de Paládio em nexos com o mesmo âmbito do saber agropecuário antigo, a saber, a fruticultura. De toda forma, a partir de seu estudo altamente especializado, Zainaldin obteve resultados que apontam para alguns processos correntes na assimilação de Gargílio por Paládio, tais como a adição, a subtração e a recombinação (Zainaldin, 2023, p. 173) de elementos informativos. Por fim, nossas próprias colocações (Trevizam, 2025, p. 16ss.) têm contribuído para divisar no autor de *Opus agriculturae* um escritor que se posiciona com críticas a respeito dos conteúdos e abordagens técnicas recebidos de seus antecessores. Assim, especificamente em relação a Columela, a própria experiência de Paládio como praticante da agricultura o ajuda, por vezes, a contrapor-se a certos dados meramente “recebidos” da obra *De re rustica*. Nossa motivação, nesse sentido, é unir evidências e pontos de vista favorecedores da identificação das diferentes maneiras de Paládio, em seu *Opus...*, ter mantido diálogo razoavelmente “independente” com suas fontes, apesar de eventuais julgamentos em contrário.

Palavras-chaves: Paládio, literatura técnica, assimilação, transformação.



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

A auctoritas da Antiguidade no tratado *Micrologus* de Guido d'Arezzo

Laura Prates Bellozi Monteiro (graduanda – Letras/UFJF/BIC)
Orientador: Prof. Dr. Fábio da Silva Fortes (UFJF)

A formação do pensamento musical na Idade Média vincula-se profundamente à recepção e à reelaboração das teorias da Antiguidade Clássica, conforme explicam Grout e Palisca (2007). A igreja cristã absorveu, em seus primeiros séculos, características da música grega e do Mediterrâneo oriental, estabelecendo uma longa tradição de recuperação das autoridades antigas. Autores como Marciano Capella e, sobretudo, Boécio (c. 480-524), com sua obra *De institutione musica*, foram fundamentais nesse processo, consolidando a música como parte do quadrivium das artes matemáticas, priorizando a dimensão especulativa e racional para os estudos filosóficos e musicais. O presente trabalho apresenta os resultados parciais das atividades de iniciação científica intitulada "O *Micrologus* de Guido d'Arezzo (c. 995–1050)" e objetiva analisar como as influências da Antiguidade aparecem no tratado musical *Micrologus*. Como a educação musical durante o início do Medievo dependia fortemente da memória, conforme aponta Anna Maria Busse Berger (2018), as referências herdadas da tradição não respondiam aos problemas imediatos de leitura, notação e interpretação do cantochão. Diante disso, embora inserido nessa herança conceitual, Guido d'Arezzo (c. 995–1050) empreende algumas inovações no ensino musical para otimizar o aprendizado dos cantores, selecionando os ideais antigos em função da utilidade prática e eclesiástica. Assim, esta comunicação examina como o *Micrologus* dialoga criticamente com o legado clássico, adaptando a autoridade dos antigos teóricos para estruturar um método que conferisse autonomia e rapidez ao aprendizado dos cantores. A metodologia combina a tradução comentada de trechos selecionados do *Micrologus* e análise comparativa de passagens que



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

exemplificam a presença de referências aos antigos, aplicação dos métodos educativos de Guido e seus resultados no ensino litúrgico nos coros. Os resultados parciais indicam como Guido reordena conceitos e exemplos tradicionais em uma escrita mais clara, breve e orientada ao ensino. Por fim, busca-se salientar como a tradução do *Micrologus* constitui também uma forma de interpretar a circulação e a adaptação de saberes medievais.

Palavras-chave: tradução, latim, música, Medieval.

As ilusões com que o demônio os enganava: a influência da Igreja na publicação da tradução portuguesa do “Epítome das ‘Histórias Filípicas’”, de Justino

Profa. Dra. Jéssica Frutuoso Mello (UERJ)

O “Epítome das ‘Histórias Filípicas’ de Pompeio Trogo”, de Justino, é uma abreviação que foi produzida, em latim, entre os séculos II e IV da Era Comum, e que tem caráter histórico, abordando a passagem de soberania entre os povos, desde os assírios até os romanos. No primeiro quartel do século XVIII, o texto recebe sua primeira tradução para a língua portuguesa, feita por Troilo de Vasconcelos da Cunha, intitulada “Justino Lusitano ou Tradução de Justino da língua latina para a portuguesa” e dedicada à rainha Mariana de Áustria. Na presente ocasião, analisa-se como a Inquisição impactou sua publicação. Realiza-se também uma discussão a respeito dos percursos trilhados pela obra em sua sobrevivência na língua-fonte e em suas traduções. Como referencial teórico, utilizam-se, principalmente, as proposições de Itamar Even-Zohar (2012 [1990]; 2013 [1979]) sobre polissistemas e o lugar da literatura traduzida na cultura receptora. Demonstra-se, pelos paratextos da tradução, como a dedicatória, o prólogo do tradutor e suas nove licenças, que Troilo traduziu e, em certa



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

medida, defendeu a existência de uma passagem do livro 36 da obra, em que se narram as origens dos judeus, abordando figuras como José e Moisés, porém, por se desviar daquilo que aparece no texto bíblico, o trecho foi censurado pelo Santo Ofício. Assim, o polissistema religioso influenciou a recepção desse texto em língua portuguesa, tendo em vista que a tradução – que se manteve a única nessa língua por quase 300 anos – deixa de ser integral por uma decisão que estava além do controle do tradutor.

Palavras-chave: Epítome das Histórias Filípicas, Inquisição, Justino, recepção, Troilo de Vasconcelos da Cunha.

Traduzir os antigos, disciplinar os modernos: recepção e expurgo de textos greco-latinos no *ratio studiorum*

Ian Moura Gomes do Nascimento (doutorando –
História/UNIRIO)

Profa. Dra. Juliana Bastos Marques (UNIRIO)

Os estudos sobre a pedagogia jesuítica tradicionalmente destacam o *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu* (1599) como um marco na organização do ensino humanístico e na sistematização do ensino dos textos greco-latinos na formação intelectual da modernidade. Entretanto, essa incorporação não implicou a transmissão neutra ou integral da Antiguidade. Ao contrário, a recepção dos textos antigos esteve submetida a um conjunto de procedimentos de seleção, comentário, tradução, adaptação e expurgo que buscavam adequá-los às finalidades morais, religiosas e pedagógicas da Companhia de Jesus. A partir das contribuições dos estudos de Recepção Clássica e da História Intelectual, esta comunicação propõe compreender o expurgo não apenas como uma prática de censura, mas como uma modalidade de recepção da Antiguidade. Nessa perspectiva, a tradução é entendida em sentido



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

ampliado, como um processo de mediação cultural que não se restringe à transposição linguística e envolve a reconfiguração dos sentidos dos textos greco-latinos em novos contextos históricos. Assim, os mecanismos de supressão, seleção e reorganização textual constituem formas de produzir uma determinada leitura normativa dos textos antigos, conformando sua circulação no interior da cultura letrada jesuítica. Tomando o *Ratio Studiorum* como eixo de análise e dialogando com a bibliografia sobre educação jesuítica, tradição e recepção clássicas e estudos da tradução, pretende-se discutir de que maneira a normatividade pedagógica atuou sobre os antigos, disciplinando simultaneamente a leitura dos textos greco-latinos e os sujeitos encarregados de lê-los. Argumenta-se que o expurgo deve ser compreendido menos como um fenômeno acessório da censura e mais como uma prática intelectual constitutiva da recepção dos textos antigos, por meio da qual a Antiguidade era continuamente reinterpretada, reordenada e apropriada segundo os objetivos da formação jesuítica. Ao deslocar o foco da ideia de “tradição clássica” – compreendida como um legado transmitido linearmente dos antigos para os modernos – para os processos históricos de recepção, tradução e produção de sentidos, esta comunicação argumenta que o expurgo dos textos greco-latinos constitui uma prática receptiva por meio da qual os significados atribuídos à Antiguidade foram continuamente redefinidos e historicizados no interior da pedagogia jesuítica.

Palavras-chave: Expurgo; Pedagogia jesuítica; *Ratio Studiorum*; Recepção Clássica; Textos greco-latinos.



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Sessão 15:

O Uso da Retórica: Persuasão, Conflito e Imperialismo na Antiguidade e Hoje

Retórica clássica no século XXI: a democratização da teoria clássica por meio da prática extensionista

Laiene Silva de Souza (graduada – Letras-
Português/UFJF/PROEX)

Orientadora: Profa. Dra. Charlene Martins Miotti (UFJF)

A retórica antiga nasceu nas praças públicas, mas passou séculos trancada nas academias; devolvê-la à sociedade é um ato de inclusão e cidadania! Movidas pela necessidade de oferecer caminhos para a aplicação da retórica como instrumento na resolução de conflitos, o presente trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência das oficinas desenvolvidas no âmbito do projeto de extensão “Retórica Clássica para Resolução de Conflitos” (Edital ProEx 04/2023, sob orientação da Profa. Dra. Charlene Miotti). Ao discutir a formação do orador, Quintiliano aponta cinco pilares essenciais para a construção de um discurso eficaz; dentre eles, destacamos a importância de considerar as características do público ao qual o discurso se dirige. Tal princípio relaciona-se à observação do que, na cultura clássica, é chamado de *decorum*, entendido por Cícero (*Part. Or.* 90) como a capacidade de adequação da fala ao momento e ao público. Essa sensibilidade norteou as ações do projeto, cujas oficinas abrangeram desde estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e professores da educação básica da Escola Municipal Presidente Tancredo Neves e Sesc Juiz de Fora, até graduandos de diversas áreas. Assim, refletiremos sobre a recepção das oficinas, o processo de construção colaborativa das atividades e, sobretudo, os desafios envolvidos na adaptação dos conteúdos clássicos a públicos diversos e às



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

demandas da contemporaneidade. Afinal, a experiência das oficinas evidenciou a adaptação não como esvaziamento de rigor teórico, mas como possibilidade de diferentes sujeitos se reconhecerem como participantes legítimos nos espaços de fala, diálogo e construção do conhecimento. Desse modo, buscamos discutir a urgência de democratizar o acesso a esses saberes, por meio da construção de práticas pedagógicas e metodologias capazes de aproximar os conceitos clássicos da retórica, por vezes percebidos como distantes ou complexos, das vivências concretas dos estudantes da educação básica, por intermédio de abordagens acessíveis. Ao promover o diálogo entre tradição e realidade social, demonstramos que a retórica pode constituir uma ferramenta para a mediação de conflitos, o fortalecimento da escuta e o exercício da cidadania, uma vez que democratizar a retórica clássica é transformar um saber historicamente restrito ao privilégio da erudição em uma ferramenta capaz de fortalecer vozes, ampliar o diálogo e o acesso a direitos fundamentais. Isto posto, convidamos vocês a conhecerem o nosso trabalho nas redes sociais: @RCparaRC no YouTube e no Instagram.

Palavras-chave: adaptação, educação básica, relato de experiência, resolução de conflitos, retórica clássica.

Discursos misóginos e estoicismo no *youtube*: uma análise de conteúdos publicados por grupos conservadores

Júlia Lopes Coelho (doutoranda – Linguística/UFJF)
Orientadora: Profa. Dra. Carol Martins da Rocha (UFJF)

A presente pesquisa passou a ser desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFJF, diante do crescimento, nos últimos anos, de vídeos postados nas redes sociais disseminando discursos misóginos (Santini *et al.*, 2024, p. 22),



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

utilizando, inclusive, a Antiguidade como fonte de embasamento. Como sabemos, temas abordados nas produções escritas da Antiguidade greco-romana têm influenciado a cultura ocidental, como afirma Helen Morales em seu livro, *Presença de Antígona* (2021, p. 10): “[...] os grandes filósofos, escritores, teóricos, dramaturgos, políticos e outros pensadores da Antiguidade recorreram, e até os dias de hoje os nossos recorrem, aos mitos gregos e romanos”. Assim, ante à deficiência de estudos na área, principalmente no contexto brasileiro, nosso estudo tem como objetivo responder a seguinte pergunta: “de que modo vídeos com conteúdo misógino, que utilizam o Estoicismo como fonte de embasamento, tem se mantido no ar, não sendo excluídos por violação de diretrizes do YouTube?”. Dessa forma, como ponto de partida, nossa hipótese é que possíveis estratégias linguísticas podem estar sendo usadas pelos produtores de conteúdo para driblar os filtros da plataforma YouTube, de modo que seus vídeos com conteúdo misógino – que utilizam o Estoicismo como base – não sejam retirados da rede social mencionada. A princípio, buscaremos verificar que termos e expressões são usados para construir esse discurso e, em uma etapa subsequente, investigar como os filtros automáticos dessas plataformas tratam esse tipo de informação. Pretendemos, portanto, com o presente estudo, observar o modo como uma determinada imagem da Antiguidade está presente em discursos relacionados às questões de gênero, sobretudo no Brasil, contribuindo com as discussões na área dos Estudos Clássicos.

Palavras-chave: Estoicismo, gênero, misoginia, redes sociais.

A retórica da conquista na *Eneida*: imperialismo e alteridade

Fernanda Santos da Silva (doutoranda – Linguística/UFJF)

Orientador: Prof. Dr. Fábio da Silva Fortes (UFJF)



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Fruto de um artigo da disciplina de Alteridade no Mundo Antigo, cursada no âmbito do programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários, da Universidade Federal de Juiz de Fora, este trabalho desenvolve uma análise crítica e estrutural do épico latino *Eneida*, de Virgílio, com o intuito de evidenciar o imperialismo subjacente na obra. Almeja-se desvelar o mecanismo retórico pelo qual as conquistas bélicas e as invasões territoriais são ressignificadas e narradas como uma determinação inexorável e divina, destituindo os agentes de sua responsabilidade política e moral sobre a subjugação alheia. Ademais, pretende-se examinar as relações de alteridade instituídas entre as personagens, enfocando as interações narradas nos livros I, IV e VIII do poema. Com isso, busca-se demonstrar que a narrativa imperial não se defronta passivamente com oponentes intrínsecos, mas atua na construção deliberada do outro como um inimigo perigoso, desordenado ou monstruoso. Assim, objetiva-se também desconstruir a oposição hierárquica firmada no texto entre a *pietas* do herói Eneas e o *furor* de Dido, ilustrando como essa dicotomia sustenta o argumento de superioridade dos romanos e relação aos demais povos. Para alicerçar essas análises, o aparato teórico ancora-se fundamentalmente nos estudos de Edward Said, com ênfase nas premissas estabelecidas no livro *Cultura e Imperialismo* (1993), mas, de igual modo, dialoga com outras fontes pertinentes às discussões, como Freitas (2024), Pantzer (2024) e Pinheiro (2018). A partir desse referencial, a pesquisa aplica o método de leitura contrapontística preconizado por Said, que fornece os meios para entender que o conceito de *fatum* (destino) atua diretamente na despolitização da expansão do império. Como resultado, constata-se que essas formulações ideológicas na *Eneida* ocultam uma desigualdade estrutural imperativa e disfarçam a usurpação cultural e territorial sob o manto de uma vocação civilizatória.

Palavras-chave: Eneida, imperialismo, alteridade.



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Sessão 16

Da Poesia Ovidiana à *Auctoritas* Ciceroniana: Recepções e Contextos Tradutórios

Amor como jogo e erotismo como expressão literária: um estudo comparativo entre o Decamerão, de Giovanni Boccaccio, e a Arte de Amar, de Ovídio

Laura Rodrigues M. Gherardi (graduanda Letras
Port./Clássicas/UFJF)

Prof. Dr. André Rodrigues Bertacchi (UFJF)

Este trabalho investiga as representações do amor na *Ars Amatoria* (A Arte de Amar), de Públio Ovídio Naso, e no Decamerão, de Giovanni Boccaccio, partindo da hipótese de que a obra ovidiana constitui um dos principais modelos para a elaboração da poética amorosa burlesca boccacciana. O estudo busca compreender de que maneira ambos os autores constroem o amor como jogo, espetáculo e espaço de experimentação das normas sociais, evidenciando permanências e transformações da tradição clássica na literatura medieval. A escolha da *Ars Amatoria* como eixo comparativo fundamenta-se em três aspectos centrais. Em primeiro lugar, Ovídio consolidou-se como uma das maiores referências da poesia amorosa, tornando-se modelo para escritores posteriores, inclusive durante a Idade Média latina, cuja prática literária valorizava a imitação dos autores clássicos. Em segundo lugar, a *Ars* ocupa posição singular dentro da produção ovidiana por articular o discurso amoroso à forma didática, oferecendo um repertório de preceitos passível de reelaboração em outras obras. Por fim, a combinação entre ensinamento e ludicidade confere ao poema um caráter irônico e jocoso que encontra ressonância na concepção de amor desenvolvida por Boccaccio. A análise concentra-se em novelas selecionadas do Decamerão, examinadas à luz da *Ars*



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Amatoria com o objetivo de identificar aproximações, sobretudo na representação do amor como jogo. Os resultados indicam que o diálogo entre as duas obras se estabelece por meio da emulação, princípio retórico da Antiguidade que orienta a recriação dos modelos clássicos. Nesse processo, Boccaccio não reproduz Ovídio de forma passiva, mas transforma sua pedagogia amorosa em matéria narrativa, preservando seus elementos essenciais ao mesmo tempo que os adapta às tensões culturais e sociais de seu próprio contexto. Desse modo, a pesquisa evidencia a continuidade entre a tradição clássica e a literatura medieval, demonstrando que a emulação constitui um mecanismo fundamental de circulação e renovação das formas literárias. Além disso, contribui para os estudos sobre as representações do amor na tradição ocidental ao mostrar que a concepção do amor como jogo, performance e exercício social possui raízes clássicas que atravessam os séculos por meio da recriação literária.

Palavras-chave: amor, *Ars Amatoria*, Boccaccio, Decamerão, Ovídio.

Cristalização de ensinamentos amorosos de “A Arte de Amar”, de Ovídio, em “O Livro de Uma Sogra”, de Aluísio de Azevedo

Prof. Ma. Lidiane Barreto Costa Neves (UFAM)

Amor, sentimento universal, é tema recorrente em diversas obras literárias, demonstrando o interesse da humanidade em decifrá-lo, ou ainda, dominá-lo. Em *A Arte de Amar* – obra do século I a.C., que causou escândalo, na época, por retratar o amor de forma imoral e subversiva, contrariando as reformas morais e políticas do reinado de Augusto –, o ego ovidiano, com o propósito de demonstrar domínio sobre este sentimento, instrui homens e mulheres a conquistarem seu/sua pretendente, cultivarem o amor



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

nele/nela e fazê-lo perdurar, usando como argumento sua experiência no âmbito amoroso, ou seja, trata-se de um professor com métodos infalíveis. Não por acaso, o mesmo anseio – de dominar o amor e ter êxito nas relações – aparece em *O livro de uma sogra* – obra de Aluísio de Azevedo, publicada em 1985, que também foi considerada escandalosa na época da publicação, por apresentar visão realista-naturalista sobre as relações amorosas e familiares –, através da figura de Olímpia, mãe protetora, que deseja um casamento próspero e pleno à filha, Palmira, e, por isso, deixa um verdadeiro manual de como fazê-lo, usando a sua própria experiência conjugal como cobaia para chegar a resultados infalíveis e aplicá-los no relacionamento da filha. Vemos que os ensinamentos amorosos do ego ovidiano se encontram cristalizados nas instruções matrimoniais de Olímpia, isto é, trata-se de comportamento – refletido em discursos – que, apesar da distância espaço-temporal, reverbera em obras de autores distintos. Esse estudo observa a cristalização do ensinamento amoroso do ego ovidiano presente em *O livro de uma sogra*, à luz do que conceitua Roberto Pontes (2006) acerca da cristalização, sustentada nos estudos sobre a tradição didascálica, de Matheus Trevizam (2003, 2014). A utilização da literatura como forma de ensinar valores está presente tanto na obra de Ovídio quanto na de Azevedo, revelando que essa práxis é usada como recurso persuasivo e reflexivo sobre questões como relações sociais – sejam elas amorosas ou não –, críticas a como elas são construídas – de um lado Ovídio com a crítica ácida aos valores morais augustano e, de outro, Azevedo apresentando a fragilidade nas relações conjugais, permeadas, por vezes, de traição e aparências –, evidenciando um passado que atravessa o cotidiano (Vieira; Thamos, 2011, p. 5-6), e é percebido em obras longínquas no tempo, no espaço e em contexto sociocultural.

Palavras-chave: Aluísio de Azevedo, cristalização, ensinamento amoroso, Ovídio.



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

A nuance tradutória no *De Astronomia* de Higino em cenários de relação sexual forçada

Maria Clara Ferreira de Castro Gama (Bolsista UFJF/CNPQ)
Orientadora: Profa. Dra. Charlene Martins Miotti (UFJF)

A obra *De Astronomia* pode ser definida como um tratado didático-moralizante que visa abordar a cosmologia (tal como compreendida na época) e as histórias associadas à transformação de uma figura mitológica em constelação. Atribui-se a autoria da obra a um escravo liberto por César em 45 AEC, *Caius Iulius Hyginus*, e estima-se que tenha sido produzida entre 11 e 3 AEC, a partir de um processo de catalogação das informações disponíveis acerca do cosmos e dos mitos associados a tais conhecimentos, em um provável esforço final de condensar tudo que um homem culto deveria saber sobre astronomia (Guadalupe Expósito, 2008, p. 30) em um trabalho que pudesse ser utilizado para fins pedagógicos e formadores. Além disso, é possível que Higino tenha investido em uma ação para superar, em clareza e riqueza de conteúdo, a reconstituição da obra de Eratóstenes, *Catasterismos*, feita por Arato (310-276 AEC) em 276 AEC, dada a relevância do tema para a Antiguidade Clássica, especificamente, para os fins desta proposta, Grega e Romana. Diante do tratado astronômico, até então com poucas traduções publicadas em língua portuguesa, surgiu o projeto de Iniciação Científica denominado *Traduzindo as Estrelas: a etiologia mitológica das constelações no De Astronomia de Higino*, orientado pela Profa. Dra. Charlene Martins Miotti, o qual propôs-se a realizar a tradução (considerada, também, como meio de recepção e reinterpretação da obra) do segundo livro da obra, tal como observar possíveis desdobramentos temáticos para pesquisa. A partir disso, chamou a atenção a variedade de palavras, em latim, utilizadas por Higino para descrever relações sexuais forçadas, e a pluralidade de traduções possíveis, a considerar, sobretudo, a



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

acepção de uma mesma palavra em latim com cargas semânticas diferentes (em cada situação apresentada no texto) no português brasileiro. Sob essa ótica, esta comunicação, metodologicamente, busca analisar passagens selecionadas do *De Astronomia*, tal como apresentar as traduções propostas para leitura comparada, considerando as diferentes nuances vocabulares e temáticas entre elas, além de contextualizar, histórica e culturalmente, como a consensualidade era enxergada na Antiguidade romana, em uma sociedade patriarcal, a qual corroborava com o estupro (Melissa Marturano, 2017, p. 4.).

Palavras chave: Antiguidade, consensualidade, *De Astronomia*, Higino, tradução.

Cícero retoma sua própria tradução: autocitação e retradução das obras de Arato em *De Natura Deorum*

Prof. Dr. Alessandro Carvalho da Silva Oliveira (UFES)

Neste trabalho, investigamos como as autocitações das traduções das obras de Arato de Solos, realizadas por Marco Túlio Cícero ainda em sua juventude, passam a integrar, nas obras filosóficas tardias, um conjunto sofisticado de estratégias de construção de *auctoritas*. Ao recuperar esses versos, o orador, além de reinscrever sua produção no interior de uma tradição que incluía Homero e Ênio também reivindica para si um lugar, equiparando-se a essas figuras por meio da prática da autocitação. Sustentamos, ademais, que o uso de citações de textos na cultura romana constitui um recurso de via dupla: ao mesmo tempo em que reforça a autoridade de quem cita – ao demonstrar domínio de um repertório erudito –, também reafirma e reatualiza a autoridade daquele que é citado, consolidando a tradição como espaço dinâmico de legitimação mútua. No caso de Cícero, a autocitação radicaliza esse



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

mecanismo, pois faz coincidir, estrategicamente, as posições de *auctor* e de autoridade citada. Tal gesto ganha maior densidade quando considerado à luz do *Brutus*, no qual Cícero rememora seus estudos no Oriente helenístico, apresentando-se como produto de uma formação intelectual cosmopolita. Essa autorrepresentação dialoga com a leitura de Caroline Bishop (2019), que identifica em Cícero uma aguda autoconsciência de sua inserção em um cânone literário em construção. Paralelamente, como demonstra Katharina Volk (2012), o domínio do saber celeste – como aquele veiculado pela poesia de Arato – é central para a construção de um *éthos* de conhecedor da natureza, contribuindo para a imagem de Cícero como figura douta, capaz de articular filosofia, poesia e ciência. Além disso, essa estratégia deve ser compreendida no contexto mais amplo da circulação textual na República tardia. Conforme argumenta Catherine Steel (2005), Cícero tinha plena consciência da importância de difundir seus discursos retóricos como forma de amplificar seu prestígio e influência política. A essa perspectiva, somamos a leitura de Camilla da Silva e Leni Leite (2020), segundo a qual a circulação do discurso poético também constitui elemento fundamental para a ascensão social de um *homo nouus*. Nesse sentido, ao reativar e reinscrever suas traduções poéticas em obras filosóficas, Cícero não apenas reafirma sua erudição, mas mobiliza diferentes circuitos de circulação cultural – retóricos, filosóficos e poéticos – como instrumentos de legitimação e projeção social. Concluimos que suas autocitações configuram parte essencial de um projeto autoral consciente, no qual práticas letradas, saber e poder se articulam de maneira indissociável para a construção de sua *auctoritas*.

Palavras-chave: república romana, Cícero, Arato.



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Mapa de Acesso à Faculdade de Letras (FALE) e ao Instituto de Artes e Design (IAD)



- Reitoria / Biblioteca Central / Central de Atendimento - International Office - Praça Cívica - Parque infantil / Academia ao ar livre - Pista de skate - Observatório e Planetário - Jardim Sensorial	- E2 Faculdade de Engenharia - Edifício Itamar Franco - E8 Faculdade de Engenharia - E15 FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) - E23 CRITT / FADEPE / CEAD - E20 IAD (Instituto de Artes e Design) - Restaurante Universitário	- I1 Faculdade de Economia - I2 Faculdade de Comunicação
Sector B - ICB 3 (Instituto de Ciências Biológicas) - Faculdade de Letras - Farmácia Universitária	Sector F - F1 Centro de Biologia da Reprodução - F2 Mestrado em Comportamento e Biologia Animal	Sector J J3 ICH (Instituto de Ciências Humanas)
Sector C - Faculdade de Nutrição - ICB 2 (Instituto de Ciências Biológicas) - ICB 1 (Instituto de Ciências Biológicas)	Sector G - G1 Faculdade de Educação Física e Desportos - Ginásio Poliesportivo - Ginásio de Ginástica e Laboratórios - Piscinas e Musculação - Campo de Futebol / Pista de Atletismo - Quadras Poliesportivas - Quadras de Tênis	Sector K - K2 Faculdade de Direito - K6 Faculdade de Administração e Ciências Contábeis - K7 Faculdade de Serviço Social - K12 Faculdade de Educação
Sector D - Biblioteca de Ciência e Tecnologia (entrada inferior) - ICE 1 (Instituto de Ciências Exatas) - Matemática - Computação e Estatística - ICE 2 (Instituto de Ciências Exatas)	Sector H - H3 Faculdade de Farmácia - H5 Sias / Nates - H6 Faculdade de Enfermagem	Sector L - L1 DCE (Diretório Central dos Estudantes) - L3 Centro de Pesquisas Sociais - L4 Segurança - L6 Infraestrutura - L13 Transportes - L17 Moradia Estudantil - L7 Apes
		Sector S - S2 Faculdade de Medicina - Sx Faculdade de Fisioterapia

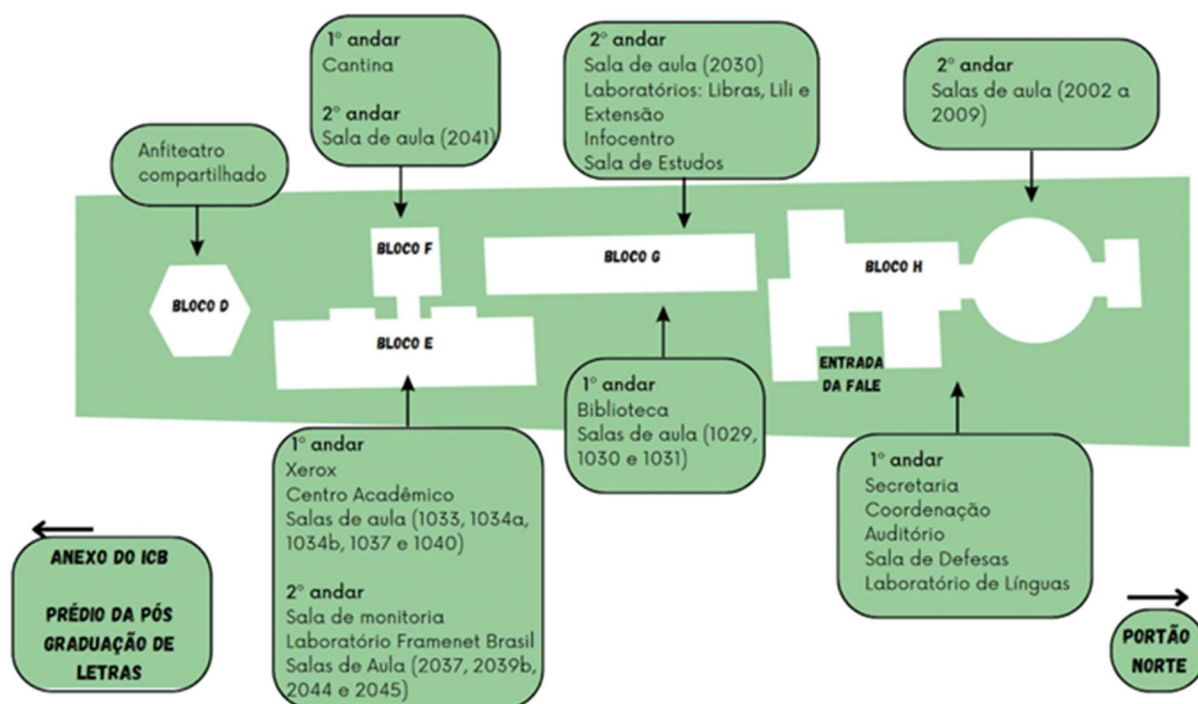
O trajeto FALE → IAD pode ser realizado por meio dos ônibus circulares (cinzas, com sigla UFJF), que circulam gratuitamente pelo campus

Disponível em: <https://www2.ufjf.br/ufjf/sobre/mapadocampus/>



XXVIII SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF

Mapa do prédio de Letras



Disponível em: <https://www2.ufjf.br/letraslibras/wp-content/uploads/sites/593/2024/10/Mapa-da-Faculdade-de-Letras.pdf>

Salas usadas para este evento:

- **Bloco H:** Hall/Recepção da Fale; Auditório da Fale (1º piso);
- **No bloco G:** 1030, 1031 (1º andar); 2030, 2032 (2º andar);
- **No bloco E:** 2039b (2º andar).

Informações úteis:

- **Banheiros e bebedouros:** bloco H (redondo) e E (1º piso); bloco G (2º piso).

